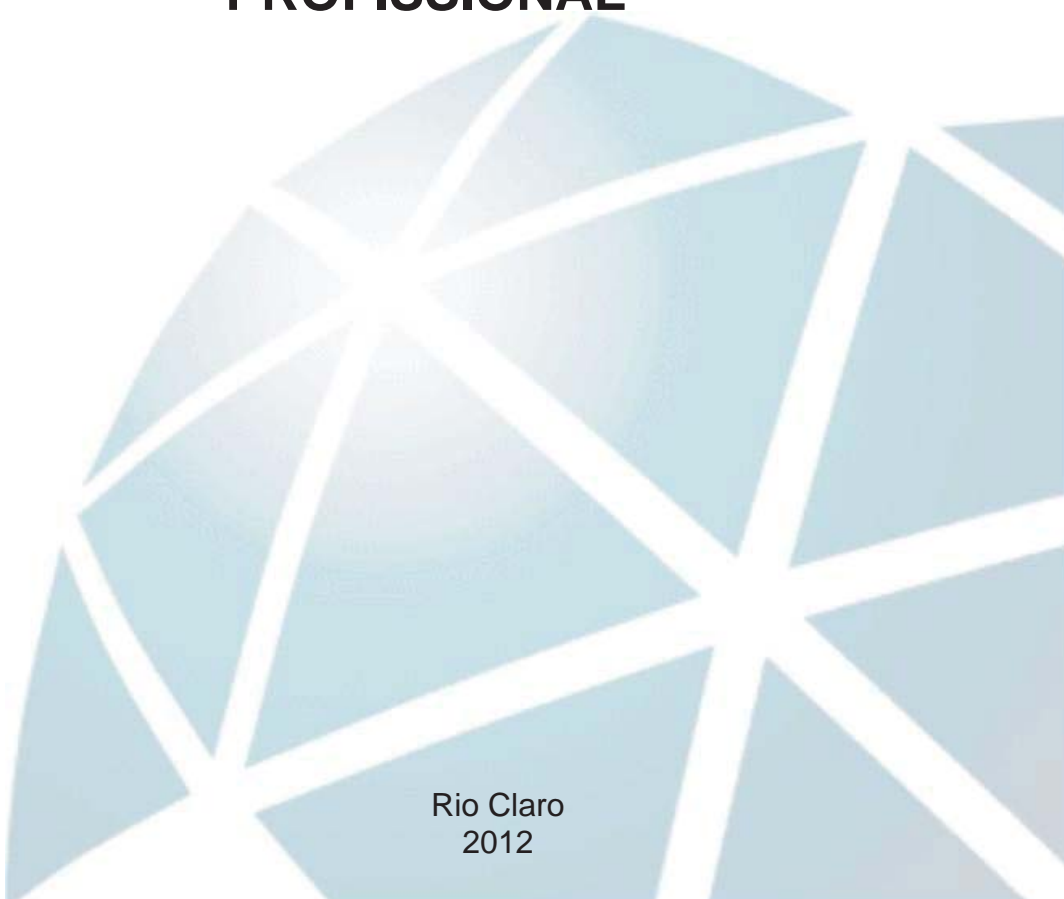

PEDAGOGIA

CAMILA VALÉRIO

**ATRATIVIDADE DA CARREIRA DOCENTE NO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA:
DILEMAS, ESCOLHAS E INSERÇÃO
PROFISSIONAL**



Rio Claro
2012

CAMILA VALÉRIO

**ATRATIVIDADE DA CARREIRA DOCENTE NO CURSO DE
LICENCIATURA EM PEDAGOGIA: DILEMAS, ESCOLHAS E
INSERÇÃO PROFISSIONAL**

Orientador: Samuel de Souza Neto

Co-orientadora: Marina Cyrino

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - Câmpus de Rio Claro, para obtenção do grau de licenciado em Pedagogia.

Rio Claro

2012

370.71 Valério, Camila
V164a Atratividade da carreira docente no curso de licenciatura em
pedagogia : dilemas, escolhas e inserção profissional / Camila Valério. -
Rio Claro : [s.n.], 2012
78 f. : il., gráfs., tabs.

Trabalho de conclusão de curso (licenciatura - Pedagogia) -
Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Samuel de Souza Neto
Co-Orientador: Marina Cyrino

1. Professores - Formação. 2. Escolha profissional. 3. Formação
inicial. 4. Carreira docente. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da UNESP
Campus de Rio Claro/SP

Dedico este trabalho aos meus pais, pessoas essenciais em todas as fases da minha vida, por toda atenção, amor e cuidado dedicados a mim. Ao meu querido Jonathas Henrique pelo amor, atenção e carinho.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus por ter me ajudado a realizar tantas coisa e concluir mais essa etapa tão importante em minha vida.

Agradeço a minha família, pelo amor, carinho e apoio dedicados a mim em todos os momentos da minha vida, em especial a minha mãe, ao meu pai e a minha irmã e minha sobrinha, que são as pessoas mais importantes pra mim no mundo.

Agradeço aos meus amigos: Christiane, Michelle, Luana, Bruna, Amanda, Silmara e Joseano pela paciência, pelo carinho, pelas discussões e embates de ideias tão importantes e pela amizade que construímos durante esse tempo, laços que durarão para sempre.

Agradeço ao meu querido Jonathas Henrique pelo apoio nos momentos mais tensos, pela força, paciência, carinho e amor dedicados a mim em todos os momentos.

Agradeço aos professores que passaram pela minha vida de uma forma geral, desde a educação infantil que auxiliaram e ensinaram os primeiros passos das minhas descobertas até a universidade onde apresentaram concepções, autores, pesquisas tão interessantes durante todo esse tempo, pois todos deixaram marcas em minha vida e me mostraram a real importância do conhecimento.

Agradeço ao cursinho comunitário ATHO, aos professores por terem acreditado em mim e terem sempre me incentivado a entrar nesse “mundo universitário”.

Agradeço aos participantes da pesquisa, tantos os que responderam aos questionários, quanto aos entrevistados.

Agradeço ao Grupo Escola de Educadores pelas contribuições em minha formação durante esse tempo em que participo, pelas discussões e aprendizados realizados.

Agradeço a Marina Cyrino pela orientação, dedicação, atenção, paciência e auxílio sempre que eu precisei.

Agradeço ao meu orientador Samuel de Souza Neto, pela orientação, pelas conversas e conselhos, por me ensinar tanta coisa que com certeza levarei pra sempre em minha vida.

Todos fizeram parte de uma fase muito importante a minha formação pessoal e profissional.

Muito obrigada!

Mulheres e homens, somos os únicos seres que, social e historicamente, nos tornamos capazes de *apreender*. Por isso, somos os únicos em que *aprender* é uma aventura criadora, algo, por isso mesmo, muito mais rico do que meramente repetir a *lição dada*. Aprender para nós é *construir*, reconstruir, *constatar para mudar*, o que não se faz sem abertura ao risco e à aventura do espírito.

(FREIRE, 2010, p.69).

RESUMO

Escolher uma profissão e pensar sobre a inserção no mundo do trabalho tem se tornado tarefa cada vez mais difícil para os jovens. Vários são os fatores que podem influenciar na decisão como: as características pessoais, habilidades específicas em determinada área, o contexto histórico e o ambiente sociocultural em que o indivíduo vive, entre outros (GATTI, 2009). A decisão de uma profissão irá influenciar de forma direta ou indireta sua vida financeira, pessoal, familiar, entre outras áreas. (SANTOS, 2005). Dentre as diversas profissões existentes, no presente trabalho destacaremos a carreira docente, tendo como objetivos: 1. Investigar junto aos alunos do curso de Pedagogia da UNESP de Rio Claro as razões para a escolha da docência como profissão e; 2. Identificar no âmbito desse curso os dilemas e as perspectivas que são apontadas por esses estudantes no universo de sua formação e futura profissão. Optamos pela pesquisa qualitativa, tendo como paradigma o construtivismo social, pois parte-se do pressuposto de que as pessoas agem em função de seus valores, crenças, sentimentos e percepções. Na coleta de dados utilizamos como instrumentos o questionário, a entrevista semi-estruturada e análise de conteúdo no tratamento dos dados, tendo como participantes 60 estudantes de Pedagogia na aplicação do questionário e 12 participantes escolhidos para a entrevista, sendo três discentes de cada ano). Entre os resultados encontrados observamos a forte influência que a família, os professores e a escola desempenham no jovem que está em processo de decisão profissional. Em relação a escolha do curso de Pedagogia, vimos que a motivação principal apontada pelos estudantes ficou no campo da satisfação pessoal, o gostar da profissão/área da educação apesar dos autores apontarem a docência como sendo pouco atrativa pelos jovens por diversos fatores, vimos durante a pesquisa que a maioria dos participantes apresenta o desejo de ser professor. Assim, encontramos a partir das entrevistas e dos questionários que os participantes vêem a docência como tendo um mercado de trabalho amplo, porém desvalorizado. Em relação às perspectivas profissionais os alunos pesquisados apontaram o desejo de continuar a estudar depois de formados e apresentaram o desejo de atuar em grande maioria na sala de aula. Neste sentido, concluímos que há necessidade de ações governamentais que valorizem o trabalho do professor, desde a formação inicial na graduação como na formação continuada quando os professores estão na salas de aula, tornar a remuneração mais adequada as reais necessidades que a atualidade exige. Da mesma forma há necessidade de melhorar as condições de trabalho do professor, É de grande importância que se trabalhe esse aspecto para que ele se reconheça como alguém importante na sociedade em geral, tendo uma profissão essencial para a formação dos futuros cidadãos e mediadores das várias descobertas que os alunos fazem durante a vida. Enfim valorizando o professor e seu trabalho, a carreira se

tornará mais atrativa aos jovens, bons profissionais terão o desejo de fazer parte dessa classe profissional e com certeza a qualidade na educação só terá a melhorar.

Palavras chaves: Escolha Profissional; Formação Inicial; Carreira Docente; Pedagogia.

LISTA DE APÊNDICES

Apêndice 1.....	72
Apêndice 2.....	74
Apêndice 3.....	75

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO 2 - ESCOLHA PROFISSIONAL E CARREIRA DOCENTE	12
2.1. A docência como carreira profissional.....	12
2.2. As Licenciaturas como escolha profissional	16
2.3 Magistério na atualidade.	17
2.4. O curso de Pedagogia no contexto brasileiro.....	22
CAPÍTULO 3. METODOLOGIA.....	31
3.1. Participantes.....	32
3.2. Aplicação dos questionáriosOS.....	33
3.3. Realização das entrevistas.....	34
CAPÍTULO 4. A ESCOLHA PROFISSIONAL NO CURSO DE PEDAGOGIA: INFLUÊNCIA, MERCADO DE TRABALHO E PROFISSÃO DOCENTE.	36
4.1. Contexto dos participantes	36
4.2. A Escolha pela carreira docente: caminhos possíveis	39
4.2.1. Escolha pelo curso de Licenciatura	41
4.2.2. Atratividade da carreira	46
4.2.3 Interesse por outro curso	48
CAPITULO 5. PROFISSÃO DOCENTE: DILEMAS E PERSPECTIVAS DA CARREIRA.....	50
5.1 O mercado de trabalho na área da educação sob a ótica dos alunos.....	50
5.2 Valorização da profissão	57
5.3. EXERCÍCIO DA PROFISSÃO DOCENTE	60
5.3.1 Interesse pela docência	60
5.3.2 Atuação profissional.....	62
5.3.3. A PEDAGOGIA COMO PROFISSÃO.....	64
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	66
7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	68
8. APÊNDICES.....	71

1. INTRODUÇÃO

Decisões, de um modo geral, nunca são fáceis de serem tomadas e no caso da escolha de uma profissão, o processo é complexo para os jovens que encontram na inserção no mundo do trabalho uma infinidade de carreiras e a competitividade cada vez maior, o que ocasiona em uma incerteza no momento de optar por uma profissão.

Com isso, há vários fatores internos e externos que podem influenciar nesta decisão, como as características pessoais, habilidades específicas em determinada área, o contexto histórico e ao ambiente sociocultural em que o indivíduo vive (GATTI, 2009). Além das condições financeiras, as convicções políticas e religiosas, valores e crenças que o mesmo possui a situação político-econômica do país em que se encontra, bem como a relação que o indivíduo possui com sua família.

No que se refere à atração por uma profissão (BENITES, 2007), o indivíduo também pode sofrer algumas influências, como: a continuidade no estudo de matérias escolares que o indivíduo já teve contato, o status social da profissão, a necessidade de tal profissional para o mercado, o desenvolvimento pessoal, a preocupação com o social e com a política, bem como a influência da família e da escola (LASSANGE, 1997; TARDIF, 2002; SILVA, 2009).

Segundo Santos (2005), a família é apontada por alguns autores, como um dos principais fatores que podem auxiliar ou dificultar a decisão do indivíduo, uma vez que este pertence a uma família e esta apresenta uma história e características próprias. Sendo assim, é de grande importância que o indivíduo tenha conhecimento de si, bem como sobre o projeto que os pais esperam para o futuro profissional de seus filhos, o valor que é dado à determinada profissão pelo grupo. A decisão de uma profissão irá influenciar de forma direta ou indireta em sua vida financeira, pessoal, familiar, dentre outras dimensões. (SANTOS, 2005).

Quando o indivíduo está passando por esse processo de decisão, ele é tocado por diversas questões que envolvem sua vida, seus planos de curto, médio e longo prazo: *Será que minha família irá me apoiar na decisão que*

tomei, na profissão que escolhi seguir? Depois que eu me formar, qual será o retorno deste investimento que realizei? ; Terei campo para trabalhar na área que escolhi seguir?

Dentre as inúmeras opções de carreira, encontramos aquelas mais antigas e que mais se destacam na sociedade, como medicina, direito, engenharia e a profissão docente. Daremos destaque à profissão de professor, com ênfase nos seguintes questionamos: o quanto esta carreira chama a atenção daqueles que estão escolhendo uma profissão? Qual o interesse dos jovens em seguir a docência?

Estudos recentes apontam a falta de interesse por parte dos jovens pela carreira docente. Gatti (2009, p. 5) assinala que: “[...] a docência vem deixando de ser uma opção profissional procurada pelos jovens [...]”. Na pesquisa realizada pela autora em escolas com alunos do ensino médio, foi possível notar que estes jovens veem o professor como “[...] um profissional desvalorizado” e levantam dois fatores para justificar essa desvalorização excessiva: “baixo salário” e “carga horária excessiva”. Estas são as principais causas apontadas pelos jovens que tornam a carreira docente pouco atrativa.

Gatti (2009) mostra que esse desinteresse pela docência é preocupante, pois através dos resultados de várias pesquisas foi possível notar que infelizmente poucos querem ser professores e esse fato se agrava quando se analisa o interesse pela educação infantil e básica.

A situação da escassez de professores também vêm ocorrendo em outros países, um estudo como aponta Imbernón (2006) apud Gatti (2009) assinala que a profissão docente vêm sendo considerada como uma profissão pouco atrativa.

Vaillant (2006) apud Gatti (2009) realizou um estudo sobre as licenciaturas nos países da América Latina, no qual destaca que apesar das realidades distintas entre os países, no que tange à carreira docente há pontos em comum. A autora aponta que de maneira geral o pouco estímulo, as condições de trabalho e a remuneração oferecida são fatores que influenciam no momento de escolher a docência como primeira opção na carreira.

Através destes apontamentos, reconhecemos como importante e imprescindível a questão da escolha profissional e os elementos atrativos para

as pessoas que seguem esta carreira. Portanto, o problema dessa investigação parte da seguinte hipótese ou pressuposto:

A carreira docente, profissão docente, tem sido apontada como uma profissão necessária à sociedade na realidade discursiva dos projetos governamentais, manifestação de pesquisadores e professores, mas que na dimensão da realidade pragmática de aderência das pessoas à profissão docente não se traduz em atratividade para a carreira.

Para responder a este pressuposto, este estudo foi organizado contemplando no Capítulo 2 – Escolha Profissional e Carreira Docente; enquanto que no Capítulo 3 é apresentada a Metodologia, o caminho seguido. No Capítulo 4 – A Escolha Profissional no curso de Pedagogia: influência, mercado de trabalho e profissão docente. O capítulo 5 apresenta a Profissão Docente: dilemas e perspectivas da carreira; enquanto que no 6 é apresentado as considerações finais. Faz parte do capítulo 7 as referências bibliográficas e no 8 são apresentados os apêndices.

CAPÍTULO 2 - ESCOLHA PROFISSIONAL E CARREIRA DOCENTE

O presente capítulo apresenta inicialmente a etimologia da palavra carreira. Em seguida disserta-se sobre a escolha profissional, etapa vivida pelos jovens constituindo-se uma das mais importantes da vida. Para finalizar o capítulo aborda-se a escolha profissional centrada no curso de Formação de Professores da Educação Básica, denominado também de licenciatura.

2.1. A docência como carreira profissional.

Antes de iniciarmos uma discussão com relação à profissão docente, consideramos como imprescindível compreender qual o significado etimológico da palavra carreira. Encontramos no Dicionário Houaiss (2009) algumas definições como: estrada estreita; caminho que oferece oportunidades de progresso ou em que há promoção hierárquica. Para Gatti (2009, p. 8)

A palavra carreira tem origem no latim medieval via a palavra carraria, que significava “estrada rústica para carros”. A partir desse sentido inicial de “estrada”, simbolicamente passou, a partir do século XIX, a ser utilizada tal qual a conhecemos hoje: como trajetória da vida profissional, um ofício, uma profissão que apresenta etapas, uma progressão.

Podemos então considerar o conceito de carreira profissional como um caminho a ser seguido, durante o tempo em que se exerce alguma determinada profissão. Ao pensarmos em carreira docente, Gatti (2009) e Gatti; Barreto; André (2010) nos dizem que é um processo de formação do adulto professor permanente que acontece de forma pessoal e profissional, mas que não se restringe apenas aos conhecimentos específicos e conteúdos, perpassando além dessas questões.

Portanto, falar em carreira também significa falar em profissão, desprofissionalização ou proletarização, bem como em uma teoria da formação ou do campo da formação (TARDIF, 2002), principalmente quando se fala em profissão docente.

No entanto, de que forma as pessoas escolhem suas carreiras? O que levam em consideração no momento da escolha profissional? Quais são os elementos preponderantes ao optar por uma determinada profissão?

Os seres humanos a todo o momento estão sujeitos a realizar escolhas em suas vidas, sendo essas tanto a nível pessoal, como profissional. A decisão

irá influenciar na trajetória do indivíduo que passa por esse processo, podendo implicar “ganhos e perdas e este é um dos motivos para se dizer que a escolha da profissão supõe conflitos, gera ansiedade e pressupõe a elaboração de lutos” (LEVENFUS et al.,2004, p.163). Esse ato de realizar escolhas se inicia bem cedo na vida, como quando se escolhe o que comer, o que vestir, para onde ir.

Ao falarmos da escolha de uma profissão, podemos citar diversos exemplos das profissões existentes na sociedade atual como: professor, dentista, médico, engenheiro, geógrafo, psicólogo, entre outras. Cada profissão possui um histórico, características e exigências particulares. Desde pequenas, as crianças são questionadas quanto à profissão que pretendem seguir quando se tornarem adultos. E desde a infância, os fatores sociais que as cercam já as influenciam, principalmente àqueles relacionados à família:

Quando um adolescente se depara com a escolha de uma profissão, não estão apenas em jogo seus interesses e aptidões, mas também a maneira como ele vê o mundo, como ele próprio se vê, as informações que possui acerca das profissões, as influências externas advindas do meio social, dos pares e, principalmente, da família. (ALMEIDA e PINHO, 2008, p.174).

Neste contexto, há vários elementos que podem ter influência direta ou indireta no momento de decidir por uma profissão. Podemos considerar: a família, a cultura, a escola, o meio social e econômico, a religião e até mesmo questões psicológicas que envolvem a vida desse indivíduo, além do mercado de trabalho, importância social e a remuneração que a profissão irá lhe oferecer, bem como o tipo de trabalho que será desempenhado, se será braçal ou intelectual, por exemplo. Também é necessário considerar as oportunidades de escolarização que esse jovem teve durante a vida, o meio cultural em que esteve inserido, dentre outros fatores. Assim, apresentamos a especificidade de três fatores que julgamos primordiais na escolha da carreira: a) família; b) constituição de uma identidade profissional; c) questão de gênero.

a) Família

Em um primeiro momento a tradição profissional familiar poderá influenciar a criança de forma direta ou indireta na hora de responder a tal questionamento. Por exemplo, a criança inserida em uma família em que há médicos ou professores, poderá ser influenciada a desejar em um primeiro

momento seguir a profissão do pai, da mãe ou de algum modelo próximo a ela. Até mesmo a empatia existente entre seu professor na escola, ou a admiração por algum atleta, entre tantos outros fatores.

Santos (2005) nos relata que as profissões dos pais geralmente exerce grande influência na maneira que o jovem vê o mundo profissional, pois a percepção que o jovem terá sobre as profissões pode estar relacionada com a satisfação ou não que seus familiares apresentam em seu trabalho, bem como a própria identidade alcançada pelos pais no exercício diário de seus trabalhos.

Sendo assim, no momento em que o jovem de fato se insere no ensino médio, mais especificamente no último ano, neste momento é que a maioria se depara com as seguintes questões: “Que profissão irei seguir?”; “Vou conseguir ser aprovado no exame do vestibular?”; “Que faculdade irei cursar?”, dentre tantas outras.

Segundo Almeida e Pinho (2008), desde o nascimento o indivíduo carrega diversas expectativas da família, do que ele deverá ou não cumprir durante sua vida, pois os pais depositam sonhos no futuro dos filhos. Nesse contexto os jovens quase sempre ouvem o que os pais pensam sobre sua futura profissão.

Os autores apontam que o indivíduo cresce com essa carga de expectativas que irá, de alguma maneira, refletir no momento de escolher uma profissão. Então, torna-se inevitável que o adolescente busque fazer uma escolha profissional de acordo com os valores de sua família.

Como é apresentado por Santos (2005), a família exerce influência sobre o projeto do adolescente, sendo a “opinião dos pais” e o “sentimento gerado pela opinião dos pais” os principais indicadores.

b) constituição de uma identidade profissional

O processo de escolha possui estreita relação com o processo de identidade pessoal que é construído durante toda a vida, mas na adolescência é que se mostra em mais evidência. Conforme coloca Almeida e Pinho (2008), esse processo de construção da identidade do indivíduo se torna ainda mais complexo diante da multiplicidade de opções que a sociedade contemporânea oferece e da sua constante transformação. Esse processo se relaciona ainda com a construção da identidade ocupacional, como afirma Lisboa (2004), e

está diretamente vinculada à identidade pessoal, pois ambas incluem todas as identificações feitas pelo indivíduo ao longo da vida.

Segundo Zavareze (2008, p.2): “A identidade profissional é construída através das relações interpessoais e deriva de valores, princípios e posturas que serão articulados de acordo com o ideal de cada um e que poderão constituir um projeto de vida”.

Pelo fato de existir tantas implicações na escolha profissional, durante o processo poderá surgir conflitos e ansiedade, reações consideradas “normais” diante de tal situação.

c) questão de gênero

Outro ponto interessante a ser ressaltado quando se fala de escolha profissional diz respeito ao gênero que o indivíduo pertence. Lassance e Magalhães (2004) apud Levenfus (2004) colocam que a diferença entre homens e mulheres influencia e muito na escolha profissional, há justificativas históricas e psicológicas que envolvem esse tema.

Por uma questão biológica as autoras apontam que as mulheres sempre desempenharam um papel na sociedade com maior proximidade da natureza, pelo fato de gerarem os filhos, amamentarem e por serem responsáveis pelos primeiros cuidados ao bebê. Segundo as autoras, aos homens cabe um papel mais ligado à cultura, o de “observador externo”, de um modo geral, possui um papel ligado à transformação, criação e construção.

Podemos dizer que essa divisão “natural” apresentada se relaciona com aspectos biológicos e que foi historicamente construído na sociedade, uma vez que inicialmente as mulheres não trabalhavam “fora” e tinham como função principal cuidar da família, dos filhos e da manutenção da casa, algumas até participavam da atividade de trabalho, mas em menor proporção. A partir da revolução industrial é que algumas alterações na sociedade começaram a acontecer, pois somente após algumas reivindicações foi possível criar um maior espaço no mundo do trabalho para as mulheres.

Esse quadro vem sofrendo alterações, pois atualmente as mulheres vêm ocupando as mesmas funções profissionais que os homens, claro que em algumas profissões há um maior preconceito, mas isso vem sendo superado pela “ala feminina”.

Enfim diversos fatores externos, internos, relacionados ao ambiente que o indivíduo vive, as convicções políticas e até mesmo religiosas influenciam. Sabendo da complexidade dessa escolha é necessário o apoio da família, dos amigos e dos professores para que se faça uma boa escolha.

2.2. As Licenciaturas como escolha profissional

No Brasil, historicamente as profissões eram exercidas por homens, e às mulheres cabiam os afazeres domésticos. Em meados de 1850, eram poucos os cursos relacionados a áreas administrativas e até 1879, somente homens podiam frequentá-los. Assim, “O Brasil tinha, à época, duas faculdades de direito, duas de medicina, uma de farmácia e duas de engenharia, além das academias militares e algumas aulas avulsas de estudos superiores” (VEIGA, 2007, p. 188). Outra modalidade de estudos superiores, embora sem ligação com as faculdades, foram os cursos de artes e de música.

No entanto, segundo Veiga (2007) havia pouco espaço para atuação das mulheres, as quais, como formação escolar tinham atividades voltadas para o lar e para os círculos de convivência social, aprendiam francês, música, piano e prendas femininas, atividades essas desempenhadas por mulheres que faziam parte da elite. As provenientes das camadas populares participavam de aulas de instrução elementar, escolas normais, bem como cursos profissionalizantes. A participação das mulheres nas profissões tradicionais da época, como medicina, direito, engenharias era muito criticada e houve uma grande resistência para incorporá-las nesse mercado.

Até mesmos as escolas normais que tinham a função de preparar profissionais para atuar na docência inicialmente restringia a participação das mulheres no curso. A partir de algumas mudanças na sociedade, como a maior aceitação da mulher no campo de trabalho, inclusive sua participação nas escolas normais, transformações começaram acontecer.

O campo da educação que inicialmente era restrito ao público masculino, passa a aceitar o público feminino, os cursos normais que apresentavam a população masculina predominante, a partir dessas transformações altera-se a configuração da profissão, esta possuindo predominância feminina, ou seja, como as mulheres não podiam inicialmente cursar ensino superior, a partir do momento em que se cria essa abertura nos

cursos normais, elas “aproveitam” a oportunidade de assim se profissionalizarem, como afirma Silva (2002, p. 96) citado por Werle (2005, p. 610): “[...] a feminização do magistério ocorreu como luta das mulheres para se estabelecerem profissionalmente, configurando um nicho no mercado de trabalho ocupado por mulheres”.

Assim, de um modo geral, a profissão docente se destacava então pela sua tradição histórica, apresentando uma predominância feminina, que de fato começou a aparecer a partir de 1850 no Brasil. Este processo de feminização do magistério, que se caracteriza pelo número expressivo de mulheres que exerciam a profissão docente, teve uma influência das teses higienistas e da ênfase dada à educação infantil.

É de grande relevância lembrar que na educação infantil e ensino fundamental I a maioria dos docentes são mulheres. Segundo Castro (2001, p.4):

O processo de inserção da mulher na profissão docente ocorre basicamente por ter sido uma profissão que primeiro abriu espaço para as mulheres sem que estas fossem reprovadas pela sociedade e também pela profissão ser associada com a maternidade.

Segundo a autora a sala de aula seria uma extensão do compromisso da mulher com a sociedade. Ela lembra que essa predominância feminina na docência não ocorreu somente no Brasil e que a entrada das mulheres na carreira docente não foi algo simples, pois havendo resistência da mulher sair de casa para trabalhar fora. Não havia várias opções para entrada das mulheres no mercado de trabalho, o magistério era aderido cada vez mais pelo público feminino.

Com o passar do tempo, essa área tornou-se feminina. Os homens foram se afastando, pois os salários eram baixos para sustentar uma família toda, como afirma Castro (2001, p.5): “[...] os salários eram baixos insuficientes para provimento das despesas com a família”.

Com o passar do tempo o magistério, a carreira do professor sofreu diversas alterações e algumas das mudanças serão explicitadas a seguir.

2.3 Magistério na atualidade.

De acordo com alguns pesquisadores como Gatti (2009), atualmente a carreira docente não é a principal escolha dos jovens, os quais apresentam um grande desinteresse por esta profissão. Tal situação reflete em todos os níveis de ensino, desde a educação infantil ao ensino médio, ou seja, não se restringe apenas ao curso de licenciatura em pedagogia, mas também a outras licenciaturas específicas, como: matemática, física, química e letras.

Alguns dados encontrados no censo escolar de 2007 revelam que:

De 2005 a 2006, houve uma redução de 9,3% de alunos formados em licenciatura. A situação é mais complicada em áreas como Letras (queda de 10%), Geografia (menos 9%) e Química (menos 7%). Faltam professores de Física, Matemática, Química e Biologia. (GATTI, 2009, p. 14).

A partir dos dados é possível notar a redução de profissionais formados nas principais licenciaturas, o que pode ser considerado um problema, pois dos professores que já atuam no magistério, muitos deles estão próximos a aposentar-se, e quem irá substituí-los se o número de professores formados é cada vez mais escasso?

No Brasil, por dados da PNAD/IBGE (2006), sinaliza certa preocupação com as aposentadorias: 24% dos docentes da educação básica tinham mais de 46 anos; considerando que, também por esses dados, a maioria dos docentes começou a trabalhar em torno dos 18 anos a aposentadoria desse grupo é bem previsível para breve, o que coloca a necessidade de sua substituição nas redes de ensino. Esses 24% representam mais de quinhentos mil professores. (GATTI, 2009, p.15).

Apontamos a aposentadoria dos professores como um dos fatores que os afasta da sala de aula, no entanto há ainda outros elementos que podem influenciar como as licenças: (prêmio, maternidade), afastamento por doenças diversas, síndrome de *burnout*, que ocasionam a ausência dos professores em sala de aula.

Problematizando a questão, há de se considerar que a quantidade de alunos nas escolas aumentou por conta da democratização do ensino, uma vez que este se tornou direito de todos e dever do estado.

Envolvendo essa temática da escolha da docência como profissão, Gatti (2009) realizou uma pesquisa onde fez uma investigação com alunos do último ano do ensino médio, investigando quais seriam as opções de carreiras profissionais que pretendem seguir após o término da educação básica. A autora notou que a profissão docente aparece com menor frequência na fala

dos jovens que outras profissões consideradas com maior prestígio social, como por exemplo, a medicina.

É importante destacar que os alunos que apresentaram interesse pela docência, geralmente foram àqueles provenientes das classes sociais menos favorecidas. A docência significa para estes jovens, bem como para sua família uma ascensão social, pois muitos dos familiares destes jovens possuem baixa escolaridade, e a possibilidade de um filho tornar-se professor, significa ascensão na condição de vida. Com isso, o que vem sendo possível observar é uma mudança do perfil socioeconômico dos alunos que cursam as licenciaturas, a maioria esses provenientes do ensino público.

Mesmo existindo o interesse por parte de alguns alunos provenientes de classes sociais menos favorecidas, podemos considerá-lo baixo. O que atrai tais alunos a pensar na carreira docente, como uma possibilidade de profissão é o fato de apresentar alguma possibilidade de oferta de trabalho, o acesso mais facilitado nas universidades, uma vez que os cursos de licenciaturas nos últimos anos vêm apresentando um baixo número na relação candidato/vaga.

Já nas escolas particulares, em que o nível socioeconômico é mais elevado, o desinteresse pela docência é ainda maior, tanto por parte dos alunos como de suas famílias.

Em um estudo realizado, Gatti (2009) investigou o interesse em seguir a docência/licenciatura com 1500 alunos, sendo que apenas 31 deles disseram ter interesse em seguir carreira, o que representa uma mínima parcela dos estudantes participantes. Oliveira e Silva (2010, p. 28) explicam que:

[...] o tipo de escola (pública ou privada) frequentada pelos candidatos ao longo de sua história escolar parece influenciar de alguma forma no processo de escolha da carreira e da universidade. Cumpre destacar que a procedência escolar é uma das variáveis, em um contexto sócio-histórico mais amplo, que influencia tanto na escolha da carreira quanto as possibilidades de ingresso e permanência na universidade.

Outro dado importante observado durante a pesquisa, se refere ao gênero. Dos 31 alunos que responderam ter interesse pela docência, a maioria é do gênero feminino e pertencente à classe social econômica menos favorecida. Com relação aos pais desses participantes, quanto maior o grau de

instrução que possuem, menor é o interesse por parte dos alunos pelas licenciaturas/docência. Mas o desinteresse é apresentado por quais razões?

Gatti (2009, p.163) mostra qual a visão que os jovens apresentam sobre a docência: “Os jovens percebem o professor como um profissional desvalorizado, e vários deles destacam que essa desvalorização é excessiva no caso brasileiro, pelo “baixo salário” e “carga horária excessiva”. A autora ainda assinala que há relatos nos quais os jovens afirmam que o professor passa por situações humilhantes, desrespeito por conta dos alunos e desinteresse por parte de alguns alunos também. E ainda apresentam uma visão negativa em relação a escola pública.

A profissão docente nos últimos anos veio perdendo seu prestígio e valorização em âmbito social. Alguns autores como Lüdke e Boing, (2004, p. 2) apontam que “[...] não é difícil constatar a perda de prestígio, de poder aquisitivo, de condições de vida e, sobretudo de respeito e satisfação no exercício do magistério hoje”.

Lüdke e Boing (2004) nos mostram que a questão do salário do professor é discutida em um estudo realizado por Melchior (1980), onde o autor aponta que em relação aos investimentos feitos pelo governo direcionados à educação, o salário dos professores é considerado uma despesa de consumo, fator desinteressante para o governo investir, pois o que de fato aumenta a renda nacional no que se refere a educação são, por exemplo, as construções prediais, essas consideradas despesas de capitais, os economistas afirmam que essas despesas que de fato aumentam a renda nacional.

Podemos dizer que para o governo, investir no salário do professor não é interessante, pois não traz retornos financeiros ao país, ou seja não contribui com a renda nacional. Se olharmos pela ótica apontada pelos economistas.

Além da questão do baixo salário há outros motivos elencados pelos jovens que são desestimulantes em relação ao exercício da docência, sendo eles: a formação dos professores, massificação do ensino, as condições de trabalho do professor, precarização do trabalho docente, violência nas escolas, grande número de alunos por sala de aula, baixo status à profissão docente, entre outros.

Candau (1999) explica que essa desvalorização social da educação em geral e do magistério, ocorre principalmente nos anos iniciais do ensino

fundamental. A autora assinala que o papel do professor, como agente social, não é reconhecido e que há ainda certa fragilidade no seu caráter profissional, além da deficiência de incentivos culturais, sociais e econômicos para o exercício da profissão, fatores esses que tornam a docência uma carreira pouco atrativa. O que mais se ouve ao falar em relação a profissão docente é sobre a desvalorização social da profissão e sobre o baixo salário oferecido a essa categoria profissional, ouvimos dos professores, dos alunos na escola e de outras pessoas da sociedade.

O fator carga horária excessiva é consequência do baixo salário, pois, uma vez que o salário dos professores se apresenta baixo, é necessário que ele desempenhe sua função em vários períodos do dia. Um exemplo disso são professores que trabalham dois ou três períodos para obterem um salário melhor.

Com essa carga horária excessiva, o salário pode aumentar, mas acaba comprometendo outras áreas desse profissional. Um professor que trabalha o dia todo não apresenta tempo para estudar, pesquisar e elaborar aulas diferenciadas aos alunos, pois esse fica sobrecarregado com o excesso de funções e a escola geralmente não propicia também tempo para que o professor desempenhe essas atividades dentro da escola. Vale destacar que o lado pessoal do docente também fica prejudicado por conta do trabalho excessivo.

Nóvoa (1995, p. 24) explica que “[...] as escolas dedicam muito pouca atenção ao trabalho de pensar o trabalho, isto é, às tarefas de concepção, análise, inovação, controle, adaptação.” O autor nos diz que esse fato contribui para uma organização individual docente e reduz o potencial do professor, ou seja, mais um fator desestimulante. Assim, o trabalho do professor vem se tornando cada vez mais complexo, pois conforme Tartuce, Nunes e Almeida (2010, p. 450):

(...) no cotidiano da escola, o professor, para desenvolver sua atividade de ensinar, precisa lidar com os problemas de indisciplina e violência, com a falta de interesse dos alunos, com a necessidade de trabalhar com um número maior de alunos e de desenvolver sua tarefa educativa na e para a diversidade.

É possível notar que ser professor tem se tornado cada vez mais uma profissão complexa por esse e outros fatores. Essa realidade apontada pelos

autores e vivenciada pelos professores nas salas de aula, não passam despercebidas pelos alunos, que um dia farão a escolha por uma profissão. Além desses fatores apresentados há outros problemas que contribuem para o desinteresse dos jovens pela docência como futura profissão, como

(...) a massificação do ensino, condições de trabalho, baixos salários, feminização no magistério, políticas de formação, precarização e flexibilização do trabalho docente, violência nas escolas, emergência de outros tipos de trabalho com horários parciais (TARTUCE; NUNES; ALMEIDA, 2010, p. 449).

Esse conjunto de problemas apresentados pelas autoras são percebidos e citados pelos alunos ao serem questionados sobre a visão que eles possuem acerca da carreira docente, além de influenciá-los de forma negativa sobre escolha da docência como futura profissão a ser seguida, como foi notado nos estudos da Gatti (2009), bem como de Tartuce, Nunes e Almeida (2010), ao analisarem as falas dos alunos do ensino médio.

Porém, o foco dessa pesquisa é o curso de Pedagogia. Dessa forma o próximo tópico estará abordando a evolução dessa terminologia, área de conhecimento e formação.

2.4. O curso de Pedagogia no contexto brasileiro

O termo pedagogia surgiu na Grécia e se caracteriza como teoria da educação e da instrução, estudo das ideias da educação segundo determinada concepção de vida, e dos processos e técnicas mais eficientes para realizá-los.

Segundo Saviani (2008, p. 1)

[...] a pedagogia desenvolveu-se em íntima relação com a prática educativa, constituindo-se como a teoria ou ciência dessa prática, sendo em determinados contextos, identificada com o próprio modo intencional de realizar educação.

O autor assinala sobre o conceito da palavra *pedagogia*, apontando que possui dupla referência. Apresenta de um lado uma ligação com a filosofia e do outro uma relação com o empírico que pode ser entendida como formação da criança para a vida. Segundo o autor o sentido etimológico é como meio, caminho: a condução da criança.

No Brasil, a palavra pedagogia surgiu após a independência, onde foi apresentado um projeto de lei do ensino de Januário da Cunha Barbosa que pretendia instituir um sistema complexo de educação.

Segundo Nóvoa (1995) a profissão docente no Brasil teve em sua origem um ensino não especializado, pois contava com a participação de professores improvisados, não habilitados especificamente para o exercício da docência. A pedagogia no Brasil teve grande influência da Igreja, que segundo Veiga (2007) era representada pelos jesuítas e esses tinham como meta: ir e ensinar para cristianizar. A autora diz que a partir do século XVII e XVIII, a atividade mineradora que acontecia no Brasil, fez com que houvesse um crescimento urbano, favorecendo o aumento da população. Nesse processo de expansão os jesuítas desenvolveram diferentes formas de ocupação. Sendo a construção de igrejas, colégios, seminários, engenhos, oficinas.

Os jesuítas possuíam o domínio de muitos setores, inclusive o da educação no país, por isso “[...] jesuítas e oratorianos, por exemplo, foram progressivamente configurando um corpo de saberes e de técnicas e um conjunto de normas e valores específicos da profissão docente.” (NÓVOA, 1995).

O ensino acontecia de diversas maneiras, conforme diz Veiga (2007, p. 60) “[...] as práticas de pregação e alfabetização dos indígenas, o ensino de artes e ofícios, que e incluía escravos africanos, a educação dos filhos dos colonizadores brancos.” Como é possível notar, havia uma grande mistura étnica. O primeiro colégio jesuíta foi fundado em 1549 em Salvador: era o Colégio dos Meninos de Jesus.

Segundo Ribeiro (2007), o primeiro plano educacional que foi elaborado pelo padre Manoel da Nóbrega tinha o objetivo de catequizar e instruir os indígenas. Essas ações eram determinadas pelos regimentos, ou seja, deveriam ser cumpridas.

Essa “instrução” oferecida aos indígenas também alcançava os filhos dos colonos. A autora assinala que o plano de estudos foi elaborado de forma diversificada. Estava incluso a aprendizagem de português, ensino da doutrina cristã, o ler e o escrever. Havia atividades opcionais como canto, música instrumental, aprendizagem profissional e agrícola, aula de gramática e viagem de estudos à Europa.

Como podemos notar essa instrução nada mais era que um processo de aculturação, ou seja, havia intenção por parte dos jesuítas em transferir

hábitos, costumes, tradições que não pertenciam ao povo que já habitava o Brasil antes da chegada dos portugueses.

Neste sentido, Veiga (2007, p. 64) ressalta que

Além do jesuítico, outros modelos educacionais, vinculados ou não ao clero, também marcaram presença no período colonial. Dentre seus agentes se destacam outras ordens religiosas, bispado, governo real, corporações, confrarias e sociedades literárias.

Os franciscanos trabalharam com índios e leigos na catequese, ensinavam a ler e escrever, fazer contas e cantar. Nessa mesma época havia seminários, que funcionavam como internatos e atendiam órfãos e os filhos dos colonizadores.

Segundo Veiga (2007, p.66), o ensino não ocorria somente vinculado a Igreja. A autora aponta que: “Havia ainda modelos educacionais não vinculados a Igreja ou ao Estado. Professores ou padres mestres costumavam ensinar em nas residências dos alunos ou em suas próprias casas, em aulas muitas vezes abertas ao público.”

Segundo Tanuri (2000), apesar do ensino ser composto por professores não especializados, os professores eram vistos como agentes culturais e políticos por promoverem ascensão social e deles esperavam exemplos de virtudes e bom comportamento, ou seja, o professor possuía um status na sociedade da época. Foi criado o alvará régio em 1759, que propôs diversas mudanças:

[...] além de diretrizes administrativas gerais, estabelecia a nova organização dos estudos, o “novo método”, o ensino público e gratuito de gramática latina, grego e retórica, a indicação e a proibição de vários compêndios e o impedimento para ensinar sem licença do Diretor de Estudos. (VEIGA, 2007, p.134).

Como também afirma Ribeiro (2007, p.33):

O alvará de 28-6-1759 criava o cargo de diretor geral dos estudos, determinava a prestação de exames para todos os professores, que passaram a gozar do direito de nobres, proibia o ensino público ou particular sem licença do diretor geral dos estudos e designava comissários para o levantamento sobre o estado das escolas e professores.

Esse novo método previa o ensino prático e simples das letras humanas. Segundo Veiga (2007): “Os mestres que não seguissem essa orientação podiam ser punidos até com a perda do cargo.” A autora destaca como alguns dos principais problemas, a demora na nomeação dos professores aprovados

em exames, falta de material, que seriam os livros e escassez de professores, devido ao baixo salário, ao atraso no pagamento e a pouca qualificação dos mesmos. Passado alguns anos.

Em relação à contratação dos professores Veiga (2007, p.161), nos diz que:

Na maior parte dos casos o ingresso no magistério se dava por concurso público, e o cargo passava a ser vitalício após um período inicial de exercício da função. Além de aprovados nos exames, os candidatos deviam apresentar atestado de boa conduta emitido pelo juiz de paz ou pároco local e ser preferencialmente casados. A idade mínima para requerimento da cadeira variava entre 18, 21 e 25 anos.

Nessa época os salários variavam de acordo com o conteúdo que o professor lecionasse a localidade e a característica do cargo: vitalício, interino ou substituto. Outro fato é que muitas das vezes as despesas de materiais e dos lugares onde aconteciam as aulas eram pagas pelo professor, se ele não aderisse ao método mútuo, modelo esse que era utilizado em Portugal desde 1815 e era utilizado na época.

Em relação à formação do professor, Veiga (2007, p.166) nos diz que algumas escolas normais foram criadas no Brasil, sendo a primeira em Niterói, no ano de 1835, tendo como função inicial “o ensino do método Lancaster”. As disciplinas que constavam no currículo eram as seguintes:

[...] conhecimento de leitura e escrita pelo método Lancaster; as quatro operações da aritmética, quebrados, decimais e proporção, noções de geometria teórica e prática; elementos de geografia; princípios de moral cristã e da religião oficial e gramática nacional. O curso não era seriado; quando considerados aptos, os alunos realizavam os exames. (VEIGA, 2007, p.166).

Ribeiro (2007) nos fala sobre a origem do ensino primário. A instrumentalização ficava no âmbito técnico, ou seja, ler e escrever. Havia um grande número de crianças por sala, em média de 60 cadeiras, muitos alunos por turma o que dificultava o trabalho dos professores.

Na primeira metade do século XIX, a organização escolar no Brasil apresentava grandes problemas tanto na questão da qualidade quanto na quantidade. Havia poucas escolas, faltava pessoal preparado para o magistério. A autora afirma que faltava amparo profissional, o que fazia a carreira ser desinteressante.

Para o autor tentar melhorar esse problema com o professorado e visando uma melhora no preparo dos professores foram criadas as escolas normais. Eram escolas de no máximo dois anos de duração e em nível secundário.

Nesse tipo de instrução, apesar de passarem por momentos instáveis por conta de problemas com a programação, por serem noturnos, por terem poucas aulas práticas, apesar desses problemas apresentados, houve avanços.

Nóvoa (1995) expõe a importância do papel das escolas normais aos professores:

As escolas normais representam uma conquista importante do professorado, que não mais deixará de se bater pela dignificação e prestígios desses estabelecimentos: maiores exigências de entrada, prolongamento do currículo e melhoria no nível acadêmico [...]. (NÓVOA, 1995, p. 18).

Com o passar dos anos, diversas transformações ocorreram nos diversos campos da sociedade, inclusive no da educação. A mulher se destacou com maior participação na sociedade da época. Com grande participação no magistério, segundo Veiga (2007) a presença das mulheres se tornou muito maior a partir de 1850. No fim do século XIX as mulheres predominavam tanto nas escolas normais quanto no magistério.

Em relação às Escolas Normais, Tanuri (2000, p. 64) nos mostra que:

Na verdade, em todas as províncias as escolas normais tiveram uma trajetória incerta e atribulada, submetidas a um processo contínuo de criação e extinção, para só lograrem algum êxito a partir de 1870, quando se consolidam as ideias liberais de democratização e obrigatoriedade.

A estrutura das primeiras escolas normais eram simples, com poucos professores. O currículo se apresentava bem rudimentar, pois a formação pedagógica era limitada por apenas uma disciplina, a de Pedagogia ou a de Métodos de Ensino. A infraestrutura, no que se refere aos prédios, também era muito questionada na época. Dessa maneira a frequência dos alunos foi reduzida, esses fatos fizeram com que as escolas fechassem. (TANURI, 2000).

A grande maioria do público atendido segundo Werle (2005) eram jovens órfãs, pobres, excluídas da sociedade, que visavam concluir o curso e assumir um cargo público, a fim de garantir seu sustento.

Outro fato que contribuiu para o fechamento das escolas normais, segundo a autora foi a falta de interesse da população pela profissão docente, pelo fato da baixa remuneração oferecida no magistério primário. Além da ausência da real importância da necessidade de formação específica dos professores responsáveis pelas etapas iniciais de ensino.

O que podemos notar é que o baixo interesse pela docência e a baixa remuneração oferecida aos professores, assuntos que são discutidos na atualidade, são problemas que ocorrem desde muito tempo em nosso país, ou seja, não são problemas recentes.

Nessa época as províncias utilizavam exames e concursos para recrutarem os professores, que segundo Tanuri (2000, p.65) eram “limitados às matérias do ensino primário e aos “métodos principais de ensino”, submetidos a uma política partidária de protecionismo e desprovidos de rigor”.

Esses métodos de recrutamento trouxeram pessoas com baixo nível escolar e com escassas habilitações. Por conta do fracasso dessas primeiras escolas normais, Tanuri (2000, p.65) nos diz que: “alguns presidentes de Província e inspetores de Instrução chegaram a rejeitá-las como instrumento para qualificação de pessoal docente”. A autora coloca que a partir disso, começaram a implantar o sistema de inspiração austríaca e holandesa dos “professores adjuntos”, esse sistema consistia em contratar aprendizes como auxiliares de professores, com o objetivo de prepará-los para o exercício da docência, de forma totalmente prática, sem nenhuma base teórica.

A partir de 1883 é que começaram a surgir alguns sinais de progresso, algumas iniciativas evidenciam o papel das escolas normais no desenvolvimento quantitativo e qualitativo do ensino primário.

Inicia-se então a valorização das escolas normais e um maior enriquecimento no currículo das mesmas. Começaram a surgir mudanças em relação ao ingresso ao curso e também abertura às mulheres, fato muito importante, pois como a autora nos apresenta:

As primeiras escolas normais – de Niterói, Bahia, São Paulo, Pernambuco, entre outras – foram destinadas exclusivamente aos elementos do sexo masculino, simplesmente excluindo-se as mulheres ou prevendo-se a futura criação de escolas normais femininas. (TANURI, 2000, p.66).

Com essa mudança houve uma abertura às mulheres, mesmo com essa abertura mecanismos de exclusão apareciam nas escolas normais até mesmo nos currículos, que era mais reduzido e centrava atividades no domínio de atividades domésticas.

Segundo Tanuri (2000) o magistério era a única profissão que conciliava as funções domésticas, tradicionalmente atribuídas às mulheres e se apresentava como solução para a necessidade de mão de obra para o ensino primário, que era pouco procurada pelos homens, por conta da reduzida remuneração.

A autora aponta que em várias províncias as órfãs eram destinadas ao magistério, como forma de encaminhamento profissional, Tambara (1998) citada por Tanuri (2000) justifica a feminização do magistério por conta do desprestígio social e baixa remuneração oferecida aos professores.

Em doze de março de mil oitocentos e noventa, com a reforma paulista, outras transformações ocorreram em relação ao currículo das escolas normais. Houve uma ampliação na parte propedêutica do currículo, foram introduzidas as ideias de Pestalozzi, entre outras mudanças.

A partir dessas iniciativas houve uma expansão nas escolas normais, sendo divididas em Escolas Normais de Segundo Grau (oficiais), Escolas Normais de Primeiro Grau (oficiais e particulares) e Escolas Normais Rurais. Cada uma possuía uma particularidade, todas com o objetivo de preparo profissional.

Com o passar dos anos a área da educação veio ganhando prestígio como área técnica. Nesse momento começaram a surgir cursos preparatórios, como afirma Tanuri (2000). Os cursos regulares de aperfeiçoamento do magistério e de formação de administradores escolares apareceram, nos primeiros anos da década de 1930 e finalmente surge o curso de Pedagogia:

[...] em 1939 surgia o curso de Pedagogia, inicialmente criado na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil (Decreto 1.190, de 4/4/1939), visando à dupla função de formar bacharéis, para atuar como técnicos de educação, e licenciados, destinados à docência nos cursos normais. (TANURI, 2000, p. 74)

A autora assinala que inicialmente existia um esquema “3+1”, onde o aluno se dedicava três anos às disciplinas de conteúdo da Pedagogia e um ano ao curso de didática a fim de forma-se como licenciado.

Em relação ao processo de profissionalização da profissão docente um fato que merece ser destacado é que “A partir do final do século XVIII não é permitido ensinar sem licença ou autorização do Estado [...]” (NÓVOA, 1995, p.17).

Como afirma o autor esse documento constitui um verdadeiro suporte legal ao exercício da docência, o que é de grande importância, pois auxiliou na delimitação do campo profissional, além de ter servido como um requisito para recrutamento dos professores.

Nóvoa (1995) mostra quatro etapas, nas quais são explicitadas as normas e valores desse processo de profissionalização que a profissão docente passou.

A primeira etapa consiste em: Exercício em tempo inteiro ou como ocupação principal da atividade docente. Esse primeiro passo foi de grande importância, pois inicialmente algumas pessoas que exerciam a docência, o faziam como uma atividade extra, não se dedicando integralmente ao magistério, o que era muito ruim, pois o nível de dedicação e comprometimento era precário. E assumindo a docência como atividade principal os professores já não encaram a docência como algo passageiro, mas como um trabalho importante em sua vida profissional.

A 2ª etapa estabelece um suporte legal para o exercício da docência. Inicialmente não havia esse grau de exigência para se atuar como professor havia outros requisitos a serem preenchidos para que alguém exercesse o magistério. Com essa nova norma, os detentores dessa licença confirmam sua condição de profissional do ensino, ou seja, a atividade docente ficou melhor regulamentada.

Já a 3ª etapa estabelece a criação de instituições específicas para formação de professores. Fato de grande importância, por garantir uma formação profissional especializada e mais longa em instituições que se destinam a esse fim.

E por fim a 4ª etapa estabelece a constituição de associações profissionais de professores. Iniciativa de grande importância para desenvolver uma maior união como grupo de professores e também na defesa do estatuto dos professores.

Assim o magistério se torna uma profissão com maiores regras e regulamentos, dando mais segurança as pessoas que escolhem essa carreira, além de tornar a profissão mais valorizada e segura tanto aos professores como aos alunos. Embora haja esta perspectiva, a imagem preponderante no presente é o questionamento constante se vale a pena ser professor. O magistério, ainda, possui atratividade enquanto uma carreira profissional.

Assim, o presente estudo objetivou:

- (a) investigar junto aos estudantes de um curso de Licenciatura em Pedagogia de uma universidade pública as razões para a escolha da docência como profissão e;
- (b) identificar no âmbito desse curso, os dilemas e as perspectivas que são apontadas por esses estudantes no universo de sua formação e futura profissão.

CAPÍTULO 3. METODOLOGIA

Na busca dos dados optamos pela pesquisa qualitativa, tendo como paradigma o construtivismo social (ALVES-MAZZOTTI & GEWANDSZNADJDER, 2002), pois parte-se do pressuposto de que as pessoas agem em função de seus valores, crenças, sentimentos e percepções, pois o comportamento dotado tem sempre um sentido, um significado que não se dá a conhecer de modo imediato, precisando ser descoberto (PATTON, 1986). Portanto, compreende-se que os enfoques subjetivistas-compreensivistas privilegiam os aspectos conscienciais, subjetivo dos atores como a percepção, a compreensão do contexto cultural, a relevância do fenômeno para o sujeito (CAMARGO, 1997).

Nesta direção, entre as técnicas para a coleta e tratamento dos dados, optou-se pela fonte documental, entrevista semi-estruturada, questionário e análise de conteúdo.

Para Phillips (1974) são considerados *documentos* quaisquer materiais escritos que possam ser usados como fonte de informação sobre o comportamento humano, como leis e regulamentos, normas, pareceres, cartas, memorandos, discursos, jornais, revistas, arquivos escolares, relatório, entre outros. De acordo com Alves-Mazzotti & Gewandszjadler (2002), a fonte documental tanto pode ser usada como uma técnica exploratória, como para 'checagem' ou complementação dos dados obtidos por meio de outras técnicas.

Para a obtenção dos dados utilizamos a fonte documental como uma técnica exploratória para checagem das potencialidades dessa temática de estudo. Posteriormente consultamos o programa de formação ou relatórios de avaliação do curso de Pedagogia estudado.

Utilizamos ainda como coleta de dados o questionário que, segundo Goldenberg (2004) pode ser redigido de forma padronizada, contendo questões iguais a todos os participantes; *questões fechadas* (as respostas estão limitadas as questões apresentadas); *questões abertas* (com resposta livre, não limitada por alternativas apresentadas); ou ainda pode ser *assistemático* (que solicita respostas espontâneas, não dirigidas pelo pesquisador). A autora nos coloca que ele pode ser aplicado a um grande número de pessoas ao

mesmo tempo e que os pesquisados sentem-se mais livres para expor suas opiniões.

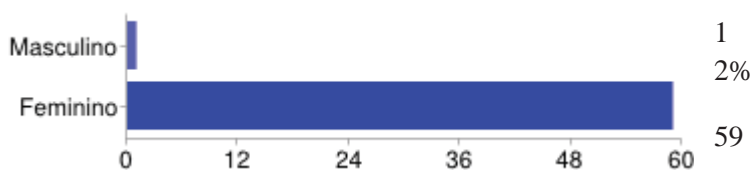
Neste contexto aplicamos um questionário contendo quatro questões abertas e seis fechadas (Apêndice 1) para os estudantes do curso de Pedagogia de uma Universidade Estadual Paulista, que possui em média uma população de 160 estudantes.

Outra técnica utilizada foi a entrevista semi estruturada (Apêndice 2) que segundo Ludke e André (1986) “[...] se desenrola a partir de um esquema básico, porém não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador faça as necessárias adaptações.” Ela nos proporciona um “processo de interação social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objetivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado” (HAGUETTE, 1990, p.75).

Com relação ao tratamento dos dados utilizamos a análise de conteúdo. Ludke e André (1986) nos mostram que é nessa etapa que se trabalha com o material obtido durante a pesquisa, os questionários, entrevistas e as análises dos documentos. Organizamos o material coletado, dividimos em partes, relacionamos essas partes e procuramos identificar as tendências e padrões relevantes visando constituir categorias que deverão funcionar como eixos de identificação. Entre os resultados esperamos oferecer um diagnóstico sobre a atratividade da carreira docente.

3.1. Participantes

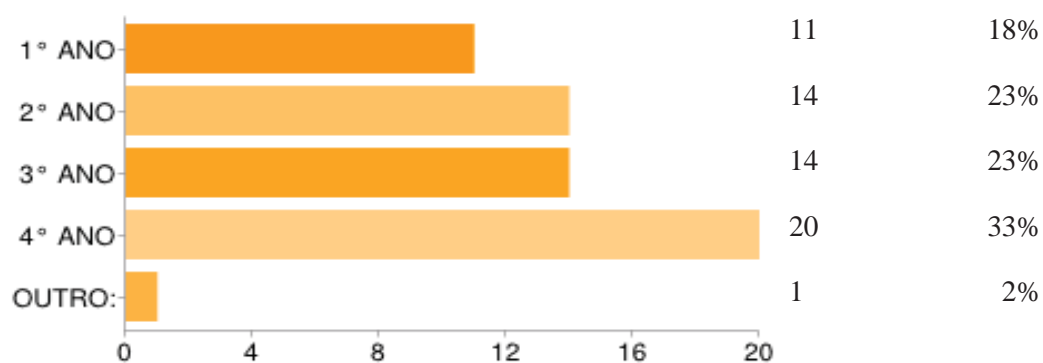
Os participantes da pesquisa, inicialmente foram aqueles que responderam ao questionário, totalizando 60 pessoas, das quais apenas um pertence ao sexo masculino (2%), e 59 ao sexo feminino (98%), como demonstra o gráfico abaixo.



Com relação a idade, os estudantes se encontram entre 17 e 55 anos, sendo que a maioria tem entre 19 aos 21 anos, como demonstra a tabela abaixo:

Idade	17	18	19	20	21	22	23	24	25	26	27	28	29	30	36	37	48	55
Qnt.	2	5	12	10	11	3	2	3	1	1	1	1	1	1	2	1	1	1

Os estudantes participantes estão distribuídos do primeiro ao quarto ano do curso de pedagogia, sendo que 11 pertencem ao 1º ano; 14 são do 2º ano; outros 14 participantes cursam o 3º ano; 20 estudantes pertencem ao 4º ano e; apenas 1 pessoa pertencente ao 5º ano. Esta distribuição pode ser observada no gráfico abaixo:



Para a entrevista, foram selecionados de forma aleatória 12 estudantes que foram convidados a participar da entrevista (sendo três do primeiro ano, três do segundo ano, três do terceiro ano e três do quarto ano). Destes participantes, 11 pertencem ao sexo feminino e 1 ao sexo masculino.

3.2. APLICAÇÃO DOS QUESTIONÁRIOS

Elaboramos um questionário com 10 questões, sendo 6 abertas e 4 questões fechadas. Às questões fechadas correspondiam alguns dados pessoais: idade, sexo, o ano que está cursando, se a Pedagogia foi a sua primeira opção de escolha no vestibular, os motivos pela escolha do curso, o principal aspecto que o atraiu cursar Pedagogia. Já as questões abertas eram relacionadas aos motivos de escolha por uma licenciatura, a opinião dos alunos sobre o mercado de trabalho na área, sobre a área profissional que pretendem

atuar, as perspectivas após a conclusão do curso, se há interesse em seguir a docência.

Primeiramente a pesquisadora entrou em contato com alguns professores da universidade, que ministram disciplinas aos estudantes de Pedagogia, afim de, solicitar uma autorização para que os estudantes pudessem anotar seus emails pessoais, para que pudéssemos enviar o questionário, além de disponibiliza-lo no email geral de cada turma.

A partir deste procedimento, ou seja, do envio do link em que os participantes teriam acesso ao questionário, enviamos 130 questionários aos e-mails fornecidos pelos estudantes, durante os meses de maio e junho do ano de 2012. Utilizamos a ferramenta do Google Docs, que facilitou o envio, o recebimento e a abrangência dos alunos pela possibilidade de responderem via *online*.

A fim de uma melhor visualização dos dados, foram necessários gráficos, principalmente no que diz respeito às questões fechadas, os quais foram gerados automaticamente através da ferramenta Google Docs.

Obtivemos o retorno de 60 questionários que corresponde à 46% do número enviado. Os participantes foram nomeados com a letra “P” e numerados de 1 a 60, assim temos: P-1, P-2, P-3 e assim sucessivamente até P-60.

3.3. REALIZAÇÃO DAS ENTREVISTAS

Para a realização das entrevistas, o contato com os participantes se deu através do telefone fornecido pelos participantes. Cada um deles escolheu local, data e horário que lhes fossem convenientes. Os participantes foram nomeados com a letra “E” e numerados de 1 a 12.

As questões realizadas se relacionaram à identificação, escolha profissional e atratividade da carreira docente. Com relação à identificação foi perguntado à cada participante sobre a cidade de origem, a família e o tipo de escola que estudou (pública ou particular). Perguntamos ainda sobre a profissão dos pais e se havia professores na família, bem como sobre os professores que foram marcantes em suas vidas.

Com relação à escolha profissional, foi perguntado sobre os motivos de escolher o magistério como profissão, sobre a pretensão em ser professor e faixa etária ou área que pretende atuar.

Quanto à atratividade da carreira docente, foi perguntado quais inovações esses participantes propõem para formação do professor e para carreira docente, como também o que eles propõem de inovador para valorizar a carreira docente.

CAPÍTULO 4. A ESCOLHA PROFISSIONAL NO CURSO DE PEDAGOGIA: INFLUÊNCIA, MERCADO DE TRABALHO E PROFISSÃO DOCENTE.

O presente capítulo apresenta os resultados obtidos na coleta de dados realizada por meio do questionário e das entrevistas realizadas com os estudantes.

Através das técnicas utilizadas pudemos encontrar aspectos relacionados à escolha profissional que podem de alguma maneira, caracterizar o público que cursa pedagogia na universidade pesquisada.

Assim, o capítulo está dividido em tópicos correspondentes à eixos temáticos que emanaram dos dados, a saber: Contexto dos participantes; A Escolha pela carreira docente: caminhos possíveis; Profissão Docente: dilemas e perspectivas da carreira; Exercício da profissão docente e A Pedagogia como profissão.

4.1. Contexto dos participantes

Primeiramente, é importante que apresentemos o contexto dos participantes, ou seja, suas características, compondo o meio em que viveram e alguns indícios de escolherem a carreira docente. Sobre isso, encontramos alguns pontos que julgamos necessário delinear: a) profissão dos pais; b) professores marcantes em sua vida e; c) experiência escolar.

Com relação a **profissão dos pais**, os entrevistados apontaram:

	Profissão do Pai	Profissão da Mãe
E-1	Representante comercial	Dona de casa
E-2	Autônomo	Professora
E-3	Trabalha com agricultura (autônomo)	Monitora
E-4	Trabalha na usina	Professora
E-5	Empilhadeira	Líder de supermercado
E-6	Comerciante	Comerciante
E-7	Torneiro mecânico (aposentado)	Dona de casa
E-8	Falecido	Dona de casa (pensionista)
E-9	Trabalha em indústria (desenho técnico industrial)	Dona de casa
E-10	Professor (aposentado)	Dona de casa
E-11	Jardineiro	Doméstica
E-12	Desempregado	Desempregada

A partir do quadro, podemos perceber que a maioria das mães são donas de casa e os pais trabalham em ocupações que não necessitam de um nível superior. Dentre os familiares dos doze participantes, existem duas mães que são professoras e um pai que já exerceu a profissão docente. Outro fator importante de ser lembrado é que do total de doze entrevistados a maioria deles sempre estudou em escola pública, sendo que apenas três entrevistados passaram pela escola particular em alguma fase de ensino e apenas uma sempre estudou em escola particular. A partir dessas informações é possível notar o perfil sócio econômico dos estudantes e considerá-lo como não elevado.

Com este contexto, lembramos dos apontamentos de Gatti (2009, p.14) “(...) o perfil sócio-econômico de quem escolhe o magistério mudou nos últimos anos, sendo a maioria pertencente a famílias das classes C e D”. A autora ainda afirma que:

(...) trata-se de alunos que tiveram dificuldades de diferentes ordens para chegar ao ensino superior. São estudantes que, principalmente pelas restrições financeiras, tiveram poucos recursos para investir em ações que lhes permitissem maior riqueza cultural e acesso a leitura, cinema, teatro, eventos, exposições e viagens”. (GATTI, 2009, p.14)

Porém, no rol de familiares, oito participantes disseram ter professores na família e quatro disseram não ter.

Os **professores que foram marcantes durante a vida** dos entrevistados, foram àqueles considerados como bons professores; aqueles que mantiveram uma boa relação afetiva ou não; bem como os professores que ensinavam bem e/ou sabiam passar o conteúdo, além daqueles que contribuíram para a formação pessoal.

Sobre os bons professores, podemos destacar a fala da E-1: *“Eles ensinavam muito bem, alguns eram mais dinâmicos que outros, mas eles conseguiam dar a matéria que era proposta a eles”*, como também da participante E-6 que diz: *“um de matemática (...), ele era um bom professor, sabia explicar, se eu não entendia de um jeito ele ia explicar dez mil vezes até você entender isso (...)”*.

Outros entrevistados citaram terem sido marcados por alguns professores pelo fato de ter existido uma relação afetiva. A participante E-2 em sua fala nos revela: *“(...) a professora de português era ótima, no ensino médio*

eu tive mais contato, mas foi normal também. Marcaram não pela matéria, mas pelo contato como colegas”. Assim como a participante E-5 que disse: “(...) na 2º série eu tive uma professora excelente, ela era muito boa. Ela era aquele tipo de professora que era muito amiga, ela motivava muito”.

O estudante E-10 em seu depoimento, recorda-se de um professor que o marcou de forma negativa:

Tive um professor (...) de português, ele me marcou porque ele foi o professor que mais me puniu, que menos entendeu, não sei se pode falar hiperativo, um aluno desobediente, um aluno problema, ele não conseguia lidar comigo. Ele sempre me marcou de tanta punição que ele me deu, porque eu acho que ele não conseguia, não tinha mais paciência, não estava mais preparado para lecionar.

Alguns entrevistados recordaram de professores que os marcaram por conta das relações cognitivas existentes entre eles, E-10 comenta sobre um professor que ele teve aula durante o curso de Pedagogia, em sua fala fica notável essa relação cognitiva: *“aqui na Universidade, gosto muito do professor (...) é um professor que me marcou porque ele é um professor que sabe tudo, sabe ensinar a gente”.*

Já o participante E-8 relembra dos professores que marcaram sua vida por contribuírem com sua formação pessoal: *“Eles fizeram parte do que eu sou hoje, das coisas que eu penso, me ajudaram na minha formação, não só na formação escolar, mas na de pensar as coisas que eu penso hoje, na minha personalidade”.*

E a participante E-4 relembra dos professores que marcaram sua vida por conta da identificação com a matéria, pela dedicação à profissão e também por apresentar afinidade com esse professor:

Uma de português, porque além de gostar de português ela era aquela professora que eu sabia que ela estava lá porque ela gostava, ela falava da matéria com um brilho especial, não dava para perceber que ela estava trabalhando parecia que ela estava se divertindo (...), eu nunca esqueço das falas dela, das opiniões dela, por isso por ela ter um brilho tão especial e foi um de história também que eu lembro de ir nas aula e sair com aquele pensamento “gente eu quero ser igual ele quando eu crescer!”, ele tinha uma postura bem critica, ele incitava a gente a criticar também, ele colocava, dava matérias não só o conteúdo, mas ele fugia um pouco disso (...).

Com relação ao último ponto deste tópico, apontamos **as vivências e experiências** que os estudantes ressaltaram como significativas **na escola**. Assim, as respostas que encontramos foram diversas, ou seja, diz respeito à

socialização; experiência positiva; estudos; relações afetivas; bem como destacaram aspectos do ambiente escolar.

A participante E-1 disse que: *“gostava para ir conversar com os amigos (...) no ensino médio, eu gostava de ir e prestar atenção nas aulas do que ficar conversando”*. Podemos ver que o aspecto da socialização era importante para ela, assim como depois no ensino médio ir à escola para prestar atenção nas aulas.

Podemos destacar ainda os depoimentos relacionados às experiências positivas, como da estudante E-2 que explica: *“(...) não tenho do que reclamar na minha vida na escola (...) foi um experiência boa (...)”*; e a E-5 que diz: *“Sempre gostei de estudar (...) eu tive uma experiência muito boa na escola (...)”*.

Também apareceram respostas que remetem a experiência positiva e afetiva durante a trajetória escolar, como afirma a participante E-7:

A escola que eu mais gostei foi a HLM e o D também, por causa do contato com os professores, com a coordenação, o próprio ambiente escolar, aconchegante assim eu gostei bastante. Eu nem queria mudar de escola, por mim podia ter ensino médio aqui, porque era pertinho da minha casa e eu adorava. Ambiente, professores, não queria sair de lá não.

e E- 11 que disse: *“(...) eu fui muito feliz enquanto eu estava na escola, eu consegui ter esse contato mais próximo com os professores, todos gostavam de mim, eu sempre tive uma relação muito boa com os professores”*.

Outro ponto levantado pelos entrevistados em relação à experiência na escola foi o reconhecimento do espaço, E-4 fala sobre sua estreita relação com o espaço: *“o ambiente escolar em si era uma coisa que eu gostava muito eu não me via fora disso, a escola era um lugar que era meu habitat, então pra mim era bom eu estar ali”*.

4.2. A Escolha pela carreira docente: caminhos possíveis

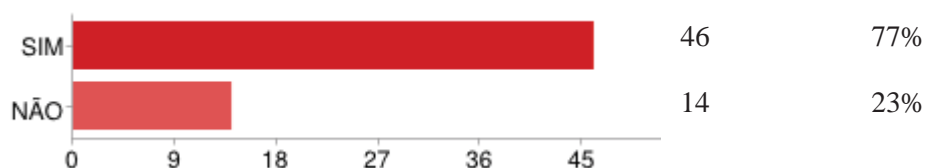
Realizar escolhas faz parte da vida de qualquer pessoa, se tratando de uma profissão, podemos considerar ser um processo complexo que acontece na vida, que envolve diversas questões como afirma Gatti (2009, p.9):

(...) o projeto profissional é resultado de fatores extrínsecos e intrínsecos, que se combinam e interagem de diferentes formas, ou seja, o jovem, tendo em vista suas circunstâncias de vida, é envolvido por aspectos situacionais e de sua formação, e, outros, como as

perspectivas de empregabilidade, renda, taxa de retorno, status associado à carreira ou vocação, bem como identificação, autoconceito, interesses, habilidades, maturidade, valores, traços de personalidade e expectativas com relação ao futuro.

Com esta compreensão, durante as entrevistas, bem como na análise dos questionários, encontramos elementos que dizem respeito à escolha pela carreira docente. Apresentamos assim, alguns aspectos apontados pelos estudantes a respeito do processo de escolha do curso, fatores que influenciaram esta escolha, escolha pela profissão docente ou por outras carreiras como primeira opção, dentre outros apontamentos que surgiram nos questionários.

No momento de escolher a profissão no vestibular, nos dados do questionário, o curso de Pedagogia foi a primeira opção de 46 estudantes (77%). Os outros 14 não tiveram este curso como primeira alternativa. Para melhor visualização, segue abaixo um gráfico.



Na entrevista, os participantes também foram questionados sobre o assunto. Quatro estudantes apontaram que não tiveram outra opção de curso e oito deles apresentaram outras opções que não fosse a Pedagogia. Foi possível notar que os participantes tinham em mente os seguintes cursos: Geografia, Letras, Psicologia, Fonoaudiologia, Direito, Educação Artística, Ciência da Computação, Administração, Gestão de políticas públicas e Odontologia.

Com os dados apresentados, pudemos visualizar que a maioria dos participantes da pesquisa não tinha como primeira opção o curso de Pedagogia. É importante destacar que os entrevistados que pensaram em seguir outras carreiras, algumas podem ter relação direta com a licenciatura (Geografia, Letras e Educação Artística). No entanto, cabe-nos questionar, por quais motivos fizeram a opção pela licenciatura, especificamente pela

Pedagogia. Elencamos desta forma alguns pontos que podem explicitar esta questão.

4.2.1. Escolha pelo curso de Licenciatura

Ao serem questionados sobre os principais motivos pela escolha de um curso de licenciatura, os estudantes apontaram os seguintes motivos: a) afinidade, b) desejo de ser professor/dar aula, c) influência externa e influencia familiar, d) mercado de trabalho, e) profissão importante f) não sei/não tem motivos e g) outras opções. Estes dados foram encontrados tanto nos questionários como em entrevistas.

a) Afinidade

Com relação a este aspecto, destacamos dois pontos: gostar da área educacional e gostar de dar aulas. No questionário, 7 participantes disseram ter escolhido um curso de licenciatura pelo fato de gostar da área da educação e também por de gostar de dar aula.

Em entrevista a participante E-4 justifica sua escolha pelo curso dizendo: *“(...) eu gosto, como eu disse anteriormente a escola sempre foi um habitat natural, (...) sempre gostei de ajudar, de ensinar e de estudar também (...)”*.

b) Desejo de ser professor/dar aula/identificação com a profissão

Dos questionários respondidos, 21 estudantes disseram ter escolhido um curso de licenciatura, pois apresentam o desejo de ser professor, desejo de dar aula e justificaram existir uma identificação com a docência.

Nas entrevistas a participante E-4 afirma em sua fala o desejo de ser professora:

(...) eu procurei e prestei Geografia e Letras. Geografia eu não passei e Letras não formou turma, e como eu não queria ficar sem estudar a única coisa que não fugia do meu foco era Pedagogia, então eu falei vou começar porque Pedagogia é muito semelhante, ambos são licenciaturas, não vou desviar do que eu quero.

c) Influências na escolha

Com relação a este aspecto, nos questionários, 3 participantes disseram ter escolhido um curso de licenciatura por terem sofrido influência externa, no caso influência escolar e familiar.

Nas entrevistas a participante E-6 apresenta em sua fala ter feito a escolha pela Pedagogia por influência de familiares. *“(...) como eu já tenho tia, prima nessa área por influencia dos meus pais que eu peguei a carreira de Pedagogia”*.

d) Mercado de trabalho

No questionário respondido, apenas 2 estudantes justificaram sua escolha através do mercado de trabalho, pelo fato de haver vagas na área da educação, bem como por ter oportunidade de emprego.

Nas entrevistas a participante E-3 justificou sua escolha abordando a variedade do mercado de trabalho: *“(...) posso ir pra várias áreas também, dependendo do que eu quiser (...) é uma carreira que dá pra ter uma estabilidade muito grande pra trabalhar”*.

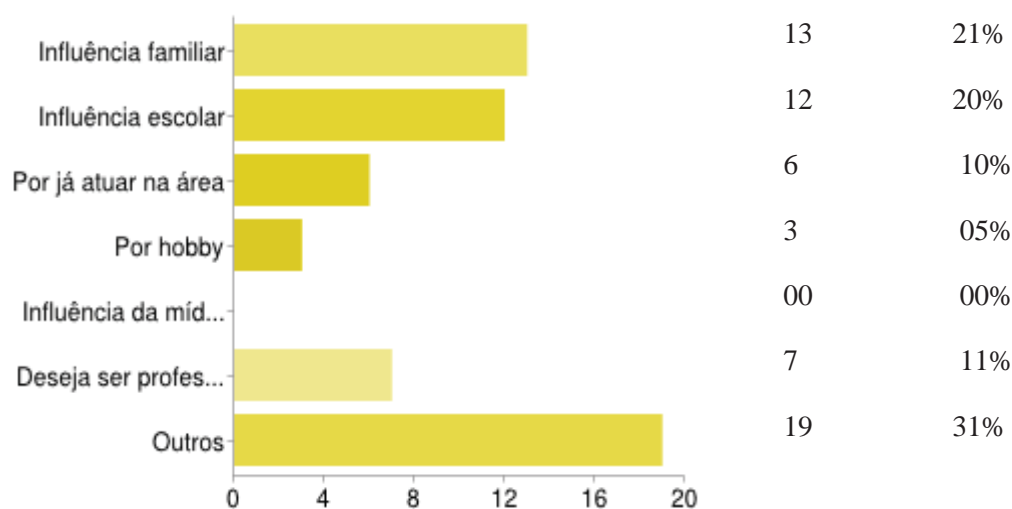
e) Profissão importante e trabalho gratificante

Dentre os questionários recebidos, 7 apontaram que a escolha pela licenciatura se deve ao fato de acreditarem que a profissão professor é gratificante e importante para a sociedade. A participante E-7 em entrevista, relatou seu interesse pelo trabalho com educação dizendo que *“é fascinante essa área da educação, porque é necessário, eu sempre fui fascinada pela educação em si, a formação da pessoa, é fundamental, porque quem não tem essa formação eu acho que não dá certo”*. Alguns estudantes não apresentaram motivos específicos. No questionário foram 3 participantes. Nas entrevistas a estudante E-11 destacou: *“(...) eu sempre disse que eu queria ser professora e realmente eu queria mas, eu não sabia nem pra que e nem porque eu queria”*.

As outras opções foram apontadas por 9 participantes que justificaram sua escolha por vários motivos, como o fato de já atuarem na área, por

admirarem a profissão, por acreditarem em uma mudança na educação, por gostar de criança ou para ter um curso universitário.

Considerando os apontamentos apresentados, o que de fato influencia um estudante a optar pelo curso de pedagogia? A partir de uma questão fechada do questionário, pudemos elencar qual é o elemento predominante na escolha da pedagogia como profissão. Segue abaixo um gráfico.



Pudemos observar que a influência familiar é bastante forte, assim como a escolar, representando 13 e 12 participantes respectivamente. É possível visualizar também que 6 estudantes já trabalham na área da educação, por isso escolheram o curso. Três pessoas fizeram a opção por hobby e 7 disseram que desejam ser professor. Porém, 19 participantes apontaram que outros motivos os levaram a escolher a Pedagogia, dentre eles: a) Gostar de ensinar, b) Gostar da área da educação, c) Identificação com o curso, d) Gostar de crianças.

Nas entrevistas, alguns participantes disseram terem sido influenciados pela família, como por exemplo, o participante E-10: “(...) é tão corrente na minha família, meu pai já era professor (...). É uma coisa assim que está no DNA (...)”. Assim como E-5: “(...) como eu já tenho tia, prima nessa área por influência dos meus pais que eu peguei a carreira de Pedagogia”. E-2 também afirma o papel da família em sua escolha: “Minha mãe, ela deu muito apoio, minha tia também apoiou bastante. Elas falavam que é um curso bom, que acha que toda mulher deveria fazer pedagogia, aí resolvi tentar e deu certo”.

Nos questionários também apareceram falas relacionadas a influencia familiar como P-18: *“Fui influenciada pela profissão da minha mãe, que é professora, formada em licenciatura há 22 anos”*.

Como vimos no capítulo 2, são diversos fatores que influenciam os jovens no momento da escolha profissional e um deles, talvez um dos mais importantes, é a família. Segundo Almeida e Pinho (2008, p.174):

A questão da atuação da família na escolha profissional transparece tanto no discurso dos pais como no discurso dos próprios jovens. Há sempre alguma maneira de influenciar, seja expressando abertamente a opinião, muitas vezes pressionando o filho a seguir determinada profissão, seja de maneira mais sutil ou manipuladora.

A família representa ser um fator muito importante em relação à escolha profissional na vida dos jovens sendo algo recorrente na fala de alguns participantes tanto nos questionários quanto nas entrevistas, deixando claro o papel desempenhado pela família nesse momento.

Alguns estudantes, justificaram em seus depoimentos a escolha por um curso de licenciatura pelo fato de gostar da área da educação, gostar de dar aula, apresentar certa identificação com a docência, bem como apresentarem interesse por conta da possibilidade de oportunidade de emprego. Diversos autores investigam quais são então as motivações para escolha do magistério. Tartuce, Nunes e Almeida (2010, p. 448) afirmam que:

(...) as motivações para o ingresso no magistério permanecem no campo dos valores altruístas e da realização pessoal, estando fortemente ancoradas na imagem de si e na experiência cotidiana, a saber: o dom e a vocação, o desejo de ensinar, o amor (pelas crianças, pelo outro, pela profissão, pelo saber), a possibilidade de transformação social e a necessidade de logo conquistar certa autonomia financeira.

Folle e Nascimento (2009) destacam que a escolha pela docência resulta de um conjunto de fatores como: *“(...) uma decisão tomada durante a escolarização média, ou antes dela, em razão da atração que esta carreira exerce sobre o jovem estudante (...)”*, além de razões de cunho pessoal. Valle (2006, p.179) ressalta a ideia de Bourdieu (1989) e explica:

(...) as escolhas profissionais não são simplesmente fruto de uma decisão consciente realizada por um sujeito racional, mas de uma operação, frequentemente obscura, de um senso prático da posição no campo, orientada pela estrutura interiorizada que produziu toda a história anterior e que ainda conduz o presente.

A autora explica que é necessário analisar as estruturas do campo profissional, suas lógicas de funcionamento e transformação, para que de fato exista a compreensão das escolhas realizadas. A posição sociocultural e o nível de escolarização também devem ser levados em consideração. Valle (2006) diz que a escolha pela docência requer um tempo de preparação e depende do capital escolar e cultural que cada um apresenta, termos estes explicados pela autora que são utilizados por Bourdieu. Valle (2006, p.180):

A escolha do magistério resulta de uma decisão consciente ou inconsciente tomada durante a escolarização média, ou até mesmo antes dela, em razão da atração que a carreira docente exerce sobre o jovem estudante. Este se investe, então, na realização de seu projeto profissional, colocando em prática múltiplas estratégias.

Quando a escolha se baseia nesses aspectos, ela afirma que esses futuros professores não escolhem o magistério com a intenção de haver ascensão em sua posição social, ela explica que há uma aposta no sentido de revalorização. Em contrapartida, Valle (2006, p.181) explica que a escolha pode acontecer por outras razões:

(...) pode, por outro lado, ser provocada pela impossibilidade de concretizar um outro projeto profissional, seja devido a circunstâncias diversas de ordem pessoal geralmente decorrentes de uma condição familiar homogênea e unívoca de existência, seja pela oferta limitada de habilitações profissionais, em que predominam igualmente as estruturas objetivas dessa condição.

Não podemos deixar de considerar através das justificativas apresentadas pelos estudantes a presença de ligações afetivas nas relações pedagógicas entre professores e alunos, como também entre professores, direção e colegas e valores pessoais.

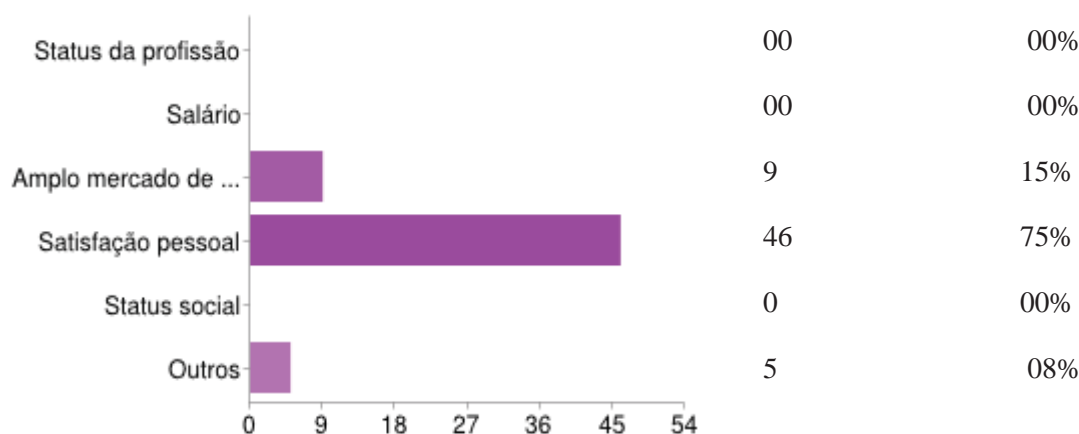
Em estudo realizado por Valle (2006), no qual foram investigadas, com professores do ensino básico, as razões pela escolha da docência, a autora explica que apareceram falas relacionadas ao amor pelas crianças, amor pelo outro, pela profissão, pelo saber e ainda falas relacionadas a autonomia financeira. Esse tipo de fala também foi recorrente nos questionários e entrevistas analisados no presente estudo. Ela explica que essas razões individuais apontadas são complexas e se baseiam em afinidades individuais. Após esses apontamentos é possível entender que escolher a licenciatura, a docência é:

(...) atribuir-lhe um sentido, situando-a em relação à sua vida e às suas aspirações profissionais; é inserir-se num espaço social bem preciso e num sistema de relações interpessoais claramente definidas, com o objetivo de reafirmar a estima de si.

Com isso, é possível afirmar que a escolha profissional depende de diversos fatores, porém o espaço que o profissional irá atuar é o que pode ou não reafirmar sua opção.

4.2.2. Atratividade da carreira

Com relação ao que é atrativo na carreira docente, os participantes responderam a uma questão fechada no questionário, elencando os principais aspectos que os seduziram a cursar Pedagogia. Segue abaixo um gráfico para ilustrar os apontamentos dos estudantes.



Como podemos notar, o principal aspecto que atraiu os alunos a cursarem a Pedagogia foi a satisfação pessoal, totalizando 46 estudantes. O segundo aspecto apontado por 9 participantes foi o amplo mercado de trabalho que é oferecido aos profissionais que atuam nessa área.

Na entrevista, E-8 aponta sobre o aspecto da liberdade que o exercício da docência apresenta:

Eu sempre achei que o professor tem uma certa liberdade, diferente de outros trabalhos, apesar de toda legislação que a gente conhece, de ter coordenador, diretor, pelo menos naqueles minutos da sua aula você pode ser você, acho que você pode ser verdadeiro do que em outras profissões. Por isso que eu escolhi (...).

Além das categorias apresentadas no gráfico acima, 5 estudantes apontaram, no questionário, outros aspectos que os atraíram a cursar Pedagogia, sendo eles: a) Gostar da profissão; b) habilidade em trabalhar com crianças e; c) proximidade com a área da psicologia.

Na entrevista, também encontramos elementos neste sentido, como por exemplo no apontamento de E-1: *“(...) gosto de ajudar as pessoas, a ensinar e gosto muito de criança, (...) pensei em fazer Pedagogia pra ver como que é e estou gostando”*.

Em relação à atratividade da carreira docente, durante as falas foi possível notar que fatores relacionados a satisfação pessoal e a liberdade que o exercício da docência propicia foram as principais justificativas apresentadas pelos estudantes. Sobre essa questão Valle (2006, p.181) explica que:

(...) a carreira docente se torna pouco atrativa, pois, apesar de exigir um enorme investimento pessoal e familiar (diplomas e aprovação em concursos), oferece um futuro profissional bastante incerto, baixos salários, limitadas possibilidades de ascensão pessoal, condições precárias de trabalho, além de requerer uma grande versatilidade; o exercício do magistério implica inevitavelmente a conciliação da atividade de ensinar e de outras que lhe são complementares, seja por sua natureza, seja em razão da organização do trabalho escolar.

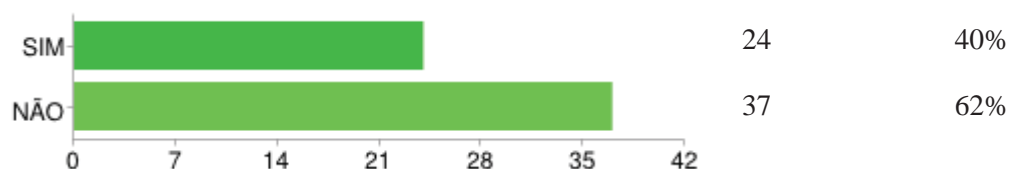
A autora aponta alguns fatores que tem tornado a carreira docente pouco atrativa, pois há bastante exigência e o retorno se apresenta incerto por diversos fatores, como a questão salarial, condições de trabalho, entre outras. No estudo realizado por ela, foi possível elencar algumas características da docência apontadas pelas professoras participantes do estudo:

(...) horários flexíveis, liberdade de ação, o fato de ser uma profissão “adequada e desejável” às mulheres, a estabilidade e as perspectivas que proporciona (“é um mercado em expansão”), as facilidades de acesso (baixas exigências de nível de formação) e, principalmente, seu prestígio em relação às ocupações manuais (“o ensino ainda é valorizado”, “os salários continuam atraentes se compararmos com outras profissões”) (VALLE, 2006, p.184).

Das características elencadas durante a entrevista do nosso trabalho, uma participante citou a liberdade de ação na sala de aula, sendo que para ela este foi um fator considerado importante em relação a sua escolha e um atrativo para que ela escolhesse a docência.

4.2.3 Interesse por outro curso

Para investigar o interesse pelo curso de Pedagogia foi perguntado aos alunos se estivesse novamente na condição de vestibulandos, o que os estudantes escolheriam, ou se manteriam a mesma? Esta questão foi colocada no questionário aos estudantes e obtivemos o seguinte resultado:



Como podemos notar através da análise de participantes, (37) não apresentou interesse em mudar de curso da Pedagogia. Já 24 participantes responderam que escolheriam outro curso. É possível identificar que a maioria dos participantes manteriam a mesma opção de curso se estivessem na condição de vestibulandos.

Destes 24 estudantes que escolheriam outro curso, se estivessem na condição de vestibulandos, as justificativas apontadas foram: a) gostar da profissão; b) identificação com profissão; c) desejo de ser professor/atuar na área; d) não sei/talvez; e) não e; f) outras opções.

a) Gostar da profissão

Dentre as respostas do questionário, 8 participantes disseram que fariam novamente a mesma escolha pelo fato de gostarem da profissão/ área de estudo ou por apresentarem interesse pela carreira. P-9 justifica dizendo: “*Sim. Escolhi Pedagogia porque gosto, e não me imagino fazendo outra coisa que não seja ensinando*”.

b) Identificação com a profissão

No questionário, apenas 3 participantes disseram ter identificação com a profissão docente /com a carreira docente. P-51 nos diz: “*Sim, pois sempre me identifiquei com essa carreira*”.

c) Desejo de ser professor/atuar na área

Sobre o desejo de ser professor, 8 participantes responderam no questionário, de forma positiva, justificando que gostam de ensinar/gostam de dar aula/gostam do espaço escolar. E 42 que afirmaram que escolheriam novamente a Pedagogia, mas não apresentaram justificativas.

Em contrapartida, 7 participantes responderam não ter certeza/não saber se escolheriam novamente a Pedagogia, por apresentarem interesse em outra área profissional ou porque o curso de interesse não está disponível na cidade onde residem. Outra justificativa levantada foi a desvalorização do curso por parte dos formadores da Universidade, como afirma P-1:

Não. Porque hoje conheço um pouco do funcionamento do sistema e como toda área profissional, há os prós e os contras, mas, quando lidamos com a educação de seres em formação, a responsabilidade é maior e os desafios maiores ainda. E estes desafios se tornam mais difíceis e grandiosos quando não temos o apoio necessário das partes envolvidas, no caso da pedagogia, é um novelo de lâ: o apoio já não acontece desde os cursos de formação (...).

Outros 5 participantes disseram que não escolheriam novamente o curso de Pedagogia, pois não se veem atuando nessa área profissional ou porque apresentam interesse em outras carreiras profissionais. P-25 justifica: *“Não, estaria tentando outras opções que seriam de maior interesse”*.

As outras opções foram apontadas por 6 participantes que apontaram que fariam a mesma escolha no intuito de se tornar professor universitário/pretende transformar a educação/busca crescimento profissional/já atua na área. Assim como P-32: *“Sim, pois ainda quero ser professora universitária”*. E P-36: *“Sim, é o conteúdo que preciso para meu crescimento profissional”*.

CAPITULO 5. PROFISSÃO DOCENTE: DILEMAS E PERSPECTIVAS DA CARREIRA.

Durante as entrevistas, bem como na análise dos questionários, encontramos elementos que dizem respeito ao mercado de trabalho na área da educação, à valorização e desvalorização da carreira docente. Estas questões estão presentes nas discussões acadêmicas e vem fomentando a literatura relacionada à formação de professores, profissionalização docente (GATTI, 2009; TARTUCE, 2010; NUNES, 2010; FACCI, 2004; SAMPAIO, MARIN, 2004).

No presente capítulo, que se relaciona diretamente ao segundo objetivo do nosso trabalho, podemos, através das falas dos participantes, identificar dois eixos temáticos: um voltado à desvalorização docente; e outro que se relaciona diretamente com possibilidades de valorização da carreira do professor.

Com isso, os estudantes apontam aspectos sobre os dilemas e opiniões sobre o mercado de trabalho do professor, dentre outras questões que surgiram nos questionários e nas entrevistas.

5.1 O mercado de trabalho na área da educação sob a ótica dos alunos

Nos questionários, os estudantes pesquisados emitiram opiniões sobre: o mercado de trabalho na área da educação e campo de trabalho das pessoas que se formam em Pedagogia em uma questão aberta. Os participantes destacaram os principais pontos que podem caracterizar o mercado de trabalho na área da educação: a) Amplo mercado; b) Salário baixo/ má remuneração; c) Desvalorizado; d) Más condições de trabalho e; e) Oferece oportunidade de trabalho e f) Outras opções. Sobre estes aspectos, podemos considerar:

a) Amplo mercado de trabalho

Dentre os questionários recebidos 23 estudantes disseram que o mercado nessa área se apresenta amplo, pelo fato de haver vagas disponíveis no mercado e por apresentar várias opções de atuação como:

empresas, hospitais, entre outras. Como afirma P-8: *“Acho que o mercado de trabalho em Pedagogia é bem amplo e contém muitas oportunidades (...)”*. P-43 explicita sua visão dizendo: *“É um mercado que tem diversas áreas de atuação (...)”*.

b) Desvalorizado

No questionário, 15 participantes disseram que o mercado nessa área oferece um salário baixo, e que os profissionais da área são mal remunerados como afirma P-31: *“Pouco valorizado, baixo salário”*. Como também P-44 que diz: *“Sempre há trabalho, mas a remuneração é pouca”*.

Nas entrevistas, E-2 também afirma esta questão: *“(...) professor ganha muito pouco, o salário é baixíssimo”*.

Dentre os questionários recebidos 19 estudantes disseram que o mercado se apresenta desvalorizado e justificaram esse fato principalmente por conta dos baixos salários oferecidos aos profissionais da área.

Nas entrevistas os estudantes também citaram a questão salarial, mas colocaram outras questões como a desvalorização feita pelos próprios professores ao descobrirem que algum aluno pretende seguir a docência, como afirma E-11:

(...) no ensino médio eu tive contato com outros professores, todos me apoiaram a prestar vestibular, mas quando eu disse que eu queria ser professora ninguém me apoiou, eu lembro que eu fui conversar com uma professora que disse: “ Não, você tem potencial para em uma coisa muito melhor que isso!”(...). Eu já ouvi muito, muito de professores nessa trajetória de estágio de que eu não vou ganhar nada, que é horrível (...).

Essa ideia é recorrente também para E-8 quando comenta a experiência que vivenciou na escola, ao contar a alguns professores sobre seu interesse pela docência: *“os professores falaram você vai ser professora? Você é tão inteligente, deveria fazer outra coisa, como se não precisasse ser esforçado e inteligente pra fazer um curso que você vai trabalhar com educação (...)”*. Em sua fala é possível notar essa postura de não incentivo dos professores em relação a própria profissão que exercem, assim como na fala de E-4:

(...) ser professor nunca foi valorizado, (...) nunca houve a valorização do intelecto, ainda mais da gente que prepara. Vários professores meus falaram “Nossa você vai estragar sua vida, se você fizer Pedagogia, se você for professora!”, apesar de ser desencorajada

pelos meus professores eu sempre quis seguir a carreira pedagógica, eu sempre quis ser docente, então mesmo que eles falassem “não faz isso, é um caminho ruim.

Outros estudantes disseram que a desvalorização acontece também por parte do governo, pelo fato de não existir interesse econômico na profissão docente, assim como E-12 diz: “(...) *o governo que não vê lucro nessa profissão, médico dá dinheiro, dá status, e professor não, de valor econômico mesmo (...)*”.

Além do salário, o reconhecimento social foi considerado algo importante, E-10 afirma em sua fala que:

A profissão do professor não é respeitada, valorizada, eu sei que não é novidade (...) em outros países basta ser professor que você tem na sua identidade o reconhecimento de ser professor, (...). Aqui no Brasil não, você ouve boa sorte, Deus te ajude!

Ainda relacionado à desvalorização E-8 expõe sua visão sobre o papel que a mídia desempenha ao retratar um professor, ela deixa claro que o que a mídia transmite não contribui para que a sociedade construa uma boa visão da profissão do professor, como também da escola de uma forma geral e aponta o descaso que o governo tem em relação aos problemas da educação:

(...) você vê as notícias na televisão sempre mostrando coisas horríveis da escola, você vê greve dos professores nas federais, apesar de não ser da educação básica, você vê que o governo não dá a mínima. (...) por parte do governo, da mídia, o professor é sempre desvalorizado, o que passa nas novelas, a imagem do professor é muito ruim.

c) Más condições de trabalho

Nos questionários recebidos apenas 2 estudantes disseram que a área da educação oferece más condições de trabalho aos profissionais atuantes, como afirma: P-45: “*Emprego para professor não falta, mas as condições de trabalho do profissional da educação são bastante precárias*”.

Na entrevista E-9 ressalta sua visão sobre as condições de trabalho do professor: “(...) *é difícil você trabalhar com quarenta alunos na sala de aula, você não consegue ter aquele contato com ele, trabalhar individualmente com ele, não tem como (...)*”.

d) Oportunidade de trabalho

Dentre os questionários recebidos, 5 estudantes disseram que a área oferece oportunidade de trabalho, pelo fato de sempre haver vagas para os profissionais da educação. Consideram um campo vasto para trabalhar. As outras opções foram apontadas por 7 participantes, que disseram que o mercado de trabalho nessa área é gratificante/complicado/ cansativo/ difícil/ ruim/pequeno.

Na entrevista E-12 nos fala sobre a área que o professor atua explicita sua visão sobre a profissão, nos dizendo que: “*ser professor é uma profissão 24 horas, você dá aula e chega em casa e tem que preparar aula, é exaustivo ter que aguentar criança sem educação (...)*”.

Os principais elementos apontados pelos estudantes sobre a desvalorização referem-se ao baixo salário oferecido aos professores, a falta de investimento do governo na profissão e na formação tanto inicial quanto continuada, além da desvalorização da profissão pelos próprios professores e o papel da mídia que desestima os jovens a escolherem o magistério como profissão. Adiciona-se ainda a visão patológica que a sociedade e os futuros professores apresentam com relação à escola.

Com relação ao mercado de trabalho de maneira geral, atualmente vem exigindo, conforme Facci (2004), pessoas competitivas, que saibam utilizar as diversas tecnologias, internet, informática, além de apresentar habilidades comunicativas e cognitivas. Em se tratando do campo de trabalho do professor, ou seja, da educação, as exigências são as mesmas além de outras, pois é necessário considerar uma mudança na escola, no perfil dos alunos e até mesmo dos professores de uns tempos para cá.

Com o passar do tempo novas funções vem sendo atribuídas a escola e aos professores, muitas das vezes até responsabilizados por problemas que fogem de sua alçada, como afirma Facci (2004, p.21):

O professor, em muitas ocasiões, é encarado como “vilão” de todas as mazelas que povoam o espaço intra-escolar, tais como: o descompasso entre objetivos de ensino formalmente estipulados e a “tarefa” realizada; o fracasso escolar, os problemas de indisciplina e mesmo de violência na escola, as dificuldades de aprendizagem, (...).

É possível notar que nas transformações sociais ocorridas há uma cobrança para que os professores assumam novas posturas, fazendo com que a sua área de atuação se torne cada vez mais complexa.

Sobre a desvalorização docente, são diversos os fatores que são apontados pelos autores que caracterizam esse problema, Esteve (1999, p.59) apud Facci (2004, p.32) afirma que o professor:

[...] deve manter a disciplina suficiente, mas ser simpático e afetuoso; deve atender individualmente às crianças sobressalentes que queiram ir mais depressa, mas também aos mais lerdos, que têm de ir mais devagar; deve cuidar do ambiente da sala de aula, programar, avaliar, orientar, receber os pais e colocá-los a par dos progressos de seus filhos, organizar diversas atividades para o centro, atender frequentemente problemas burocráticos [...], a lista de exigências parece não ter fim.

Todas essas exigências feitas aos professores possui estreita relação com a desvalorização docente ao passo que o professor não consegue cumprir tudo o que lhe é exigido e isso lhe causa um sentimento de fracasso, sendo assim cada vez mais, ele se sente frustrado por não cumprir suas “obrigações”.

Além da questão do baixo salário que é oferecido aos docentes, a falta de recursos e materiais na escola, más condições de trabalho por conta por conta da debilidade de estruturas físicas adequadas ao ensino são fatores que contribuem para o mal estar docente.

A sensação de desanimo, fracasso gera desmotivação até mesmo pessoal, por conta disso alguns professores até abandonam a profissão, entre outras reações que podem acontecer. Essas reações afetam a eficácia do professor, pois diminui a sua motivação e esforço.

Facci (2004) ressalta que o status social da profissão se apresenta inferior em relação a outras profissões com mesma titulação. Além da contradição da imagem do professor que vem ocorrendo, tem-se uma imagem ideal que é diferente do real, como afirma Gatti, Barreto e André (2011, p. 25):

Cada vez mais, os professores trabalham em uma situação em que a distância entre a idealização da profissão e a realidade de trabalho tende a aumentar, em razão da complexidade e da multiplicidade de tarefas que são chamados a cumprir nas escolas.

Segundo Facci (2004) em nossa sociedade há uma desvalorização em relação ao trabalho docente, e à escola de uma maneira geral. O que vem

acontecendo é uma ênfase na criação de uma “sociedade do conhecimento”, que visa a empregabilidade dos sujeitos que dela fazem parte.

Outra questão importante de ser lembrada pelos autores Gatti, Barreto e André (2011, p.17) é a presença de “poucos estímulos para que a profissão seja a primeira opção na carreira. Acrescente-se a isso condições de trabalho inadequadas, problemas sérios na remuneração e na carreira”.

Sampaio e Marin (2004) falam sobre a remuneração dos professores, fator considerável, que possui estreita relação com a precarização do trabalho do professor. Referem-se ao salário recebido pelo tempo de dedicação às funções, sobretudo quando se focaliza a imensa maioria, ou seja, os que atuam nas diversas escolas da rede pública para complementar a baixa remuneração recebida em relação a outros países. Segundo dados apresentados por Siniscalco (2003) apud Sampaio e Marin (2004, p.1210):

(...) atestam a dureza dessa realidade em comparação com outros países, inclusive aqueles com piores condições sociais e econômicas: o Brasil está acima apenas da Indonésia e quase empata com o Peru. Todos os demais oferecem salários mais elevados na educação primária. Na educação secundária também é um dos sete piores do mundo.

Ainda relacionado ao salário do professor, no caso do Brasil há diferenças entre as diversas regiões do país, Gatti e Barreto (2009, p.237) apontam:

A situação é bastante heterogênea e complexa nos aspectos referentes à carreira e salário de professores, entre estados e entre municípios (conforme região, características da população, sistema produtivo regional e local, capacidade financeira própria, repasses federais 238 ou estaduais, tradições políticas e culturais etc.).

Em relação às condições de trabalho dos professores é necessário destacar carga horária de trabalho e de ensino, que são dedicados pelo professor para elaborar as aulas, fazer o planejamento pedagógico, corrigir trabalhos dos alunos e os cursos realizados para a formação continuada, Sampaio e Marin (2004) explicam:

Essas atividades ligadas ao currículo das escolas, feitas fora da sala de aula e da presença de alunos, recebem nomes e organizações diversas nas redes de ensino: Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC), horas-atividade individuais ou coletivas, realizadas nas escolas ou em ambientes de escolha dos professores.

As autoras explicam que essas horas foram acrescentadas à carga horária de trabalho dos professores a partir da reivindicação deles próprios, mas o que se vê nas escolas é a utilização dos HTPCs¹ para outros fins. Raramente são utilizados para rever, debater ou obter auxílios coletivos relativos a questões pedagógicas, e sim como tempo dedicado a questões administrativas e burocráticas, avisos e recados gerais da escola. Com isso, os HTPIs², poucas vezes são utilizados para reflexão da prática do professor, pois geralmente ele utiliza esse tempo para conversar com o coordenador pedagógico da escola, preparar alguma atividade para os alunos.

Outro fator diretamente ligado às condições de trabalho do professor é a quantidade de alunos por turma, que se apresenta com um número elevado. É um aspecto que não colabora para que de fato possa existir um trabalho mais individualizado no acompanhamento dos alunos, como é exigido o tempo todo destes profissionais.

Dessa forma para que de fato o ensino aconteça é necessário que haja uma redução no número de alunos por classe, pois como apontam Sampaio e Marin (2004, p.1214): “Há pistas de que as classes menos numerosas sejam as que conseguem melhores resultados, sobretudo na educação pré-primária e primária (...)”. Claro que somente a redução do número de alunos por turma não irá resolver o problema da educação, pois há outros elementos que estão envolvidos, como a seleção e organização do currículo, procedimentos de ensino e atendimento aos alunos, entre outras questões.

Outro ponto a ser lembrado é a rotatividade dos professores nas escolas, de um ano para outro ou até mesmo durante o mesmo ano, em muitas classes passam diversos professores durante o ano letivo, por diversos fatores, o que compromete o desenvolvimento desses alunos, como também não garante estabilidade a esses profissionais.

¹ (HTPC) Hora de Trabalho Pedagógico Coletivo. É um momento onde professores coordenadores e direção, discutem temas relacionados ao trabalho da escola, trabalham em grupo para solucionar problemas, discutem sobre a prática.

² (HTPI) Hora de Trabalho Pedagógico Individual. É um momento em que o professor pode refletir sobre sua prática e trabalhar de forma individual.

5.2 Valorização da profissão

No tópico anterior, observamos que os estudantes apontaram diversos elementos que tornam a carreira docente desvalorizada perante o mercado de trabalho. No entanto, nas entrevistas, apontaram aspectos que podem valorizar ou ainda tornar a profissão mais atrativa.

Assim, um dos aspectos principais levantados pelos alunos foi o financiamento do governo em relação ao salário dos professores, como afirma E-2: *“O governo deveria pagar mais, (...) educação é a base de tudo, todo mundo passa pela escola pra ser alguma coisa na vida, então acho que o professor deveria ser melhor valorizado, pois é a base”*.

Além dos salários, outro aspecto levantado foi investimento na formação do professor, como diz E-3: *“(...) mais incentivo do governo, investir na formação, (...) incentivar o mestrado, o doutorado, a pesquisa. Se o governo incentivasse mais teria mais profissionais buscando essa área”*.

A necessidade de uma valorização da classe e pela classe dos professores, foi reconhecida pelos estudantes, os quais apontaram que os próprios professores precisam reconhecer a sua importância na sociedade, ou seja, que a profissão docente tem um papel importante na constituição das pessoas. Nesta perspectiva, E-4 afirma: *“Pra valorizar a carreira docente depende dos próprios docentes (...). Então eu acho que além de uma medida administrativa, governamental, os próprios professores precisam se valorizar”*.

Essa questão também pode ser observada no relato de E-11:

Primeiro para que a profissão seja valorizada pelos outros, os próprios professores precisam se valorizar. Quando eu me valorizo, quando eu estou ali para trabalhar envolvida com aquilo por que eu gosto daquilo, eu consigo fazer um ótimo trabalho e as pessoas começam a ver, meu trabalho como professora, agora se eu chego lá não toco nenhum aluno, meu aluno chega em casa e parece que nada do que aconteceu na aula foi valido para ele, a escola cada dia mais vai se afastando da sociedade, aí não tem valorização.

Sobre a valorização e o reconhecimento da real importância da docência pela sociedade, E-10 aponta aspectos que podem ser pensados de outra maneira: *“Começar a mostrar para o pessoal para população perceber que a educação é importante, (...). A gente precisa começar a mostrar que tudo começa na educação, é uma coisa que ele vai levar para o resto da vida dele”*.

Seguindo este pensamento, E-12 também destaca que para melhorar essa situação e de fato existir reconhecimento, valorização do trabalho do professor é necessária uma mudança de pensamento por conta da sociedade: *“(...) mudar essa cultura de achar que o professor não tem a importância que ele realmente tem, assim eu acho que melhora”*.

Outra iniciativa apontada pelos estudantes sobre a valorização é melhorar as condições de trabalho do professor, como afirma E-8: *“Acho que melhores condições de trabalho, entram várias coisas, o tempo, considerar o tempo ele gasta além da aula, o salário um pouco melhor, condições assim.”*

Durante os questionários e entrevistas os participantes levantaram pontos relevantes sobre a valorização docente, dentre os quais apontaram a necessidade de uma melhora no salário, maior investimento na formação dos professores (inicial e continuada), apoiar a inserção dos professores em programas de mestrado, doutorado.

Outro aspecto levantado pelos alunos foi a necessidade de ações que possibilitem o reconhecimento do trabalho do professor e a valorização pela classe, os próprios professores reconhecerem a real importância de seu trabalho na sociedade.

A preocupação com a valorização docente não acontece somente no Brasil. Diversos países vem desenvolvendo ações para valorizar o trabalho docente. Estas ações

vão desde iniciativas para melhorar a imagem social e o status da docência, passando pelos salários e condições de emprego, programas de iniciação à docência, reestruturação da formação inicial e continuada, até incentivos especiais para atrair e manter professores (GATTI, 2009, p.17).

Gatti (2009, p.15), ao apontar estas questões em outros países, explica que na Inglaterra a formação inicial de professores passou por várias reformulações, como na

Redefinição de normas para autorização e reconhecimento de instituições formadoras a partir de dimensões que estabelecem critérios que envolvem, desde a forma de seleção dos estudantes para ingressar nos cursos, à adequação dos programas para atender as necessidades individuais dos estudantes, o trabalho conjunto com as escolas da educação básica, dentre outros aspectos.

Além de criarem um organismo público que assumiu a gestão e a supervisão da formação inicial e da formação permanente com o objetivo de melhorar a qualidade da educação nas escolas.

Na Noruega, as iniciativas acontecem no âmbito dos salários dos professores e nas condições de trabalho. Há grande atenção aos processos de seleção e valorização dos docentes na escola, pois é recorrente vermos bons professores que iniciam a docência e logo saem da sala de aula. Pensando nessa questão Gatti (2009, p.18) explica que “a intenção é que os bons professores permaneçam na docência e não sejam atraídos para desenvolver outras atividades tanto no âmbito do contexto escolar como fora dele”. Neste país também oferecem apoio aos professores iniciantes.

A autora descreve que na Singapura o governo criou níveis diferentes de carreira para os professores, incentivando assim o esforço deles em sempre progredir. É necessário considerar a cultura, economia, entre outros fatores desses países, que são diferentes, mas que apresentam como objetivo comum a valorização da carreira do professor e formas de torná-la cada vez mais atrativa.

Para que haja uma melhora na questão da valorização docente no Brasil, são necessárias diversas ações. Gatti (2009) explica a necessidade da mídia em resgatar no imaginário da sociedade uma imagem valorizada do professor. Ela destaca a importância de haver valorização dos cursos de licenciatura nas próprias universidades, como também em relação ao ensino básico, além de mostrar que os anos iniciais da educação não se tratam de “cuidar”, mas que há um processo de desenvolvimento das crianças.

Outra questão de grande importância a ser considerada é a definição do conhecimento específico da docência, podendo de certa forma, transformar a ideia de que qualquer um pode ser professor e até mesmo o conceito de dom que perpassa o ser professor.

Segundo Scheibi (2010, p. 987) algumas iniciativas vêm ocorrendo para valorizar o campo profissional como a Lei do Piso Salarial e, mais recentemente, as Diretrizes Nacionais para os Planos de Carreira e Remuneração dos Profissionais do Magistério da Educação Básica.

Dessa forma, observamos um esforço de alguns países em valorizar o professor e sua carreira, para além de salários, mas na constituição de plano de carreira.

5.3. EXERCÍCIO DA PROFISSÃO DOCENTE

Após identificar as questões e perspectivas acima, nos perguntamos: afinal, os participantes da pesquisa querem ser professor? Quais são os caminhos que pretendem seguir ao saírem da universidade?

Durante as entrevistas, bem como na análise dos questionários, encontramos elementos que dizem respeito a: Interesse pela docência; Atuação profissional e; Perspectivas profissionais. Apresentamos estas questões nos tópicos abaixo.

5.3.1 Interesse pela docência

Será que os estudantes pesquisados, após finalizarem sua formação na graduação, tem interesse em ser professor? Ao serem questionados sobre este ponto, justificaram suas respostas no questionário a partir dos seguintes fatores: a) ser professor b) gostar do ambiente escolar/gostar de dar aula, c) interesse pela área da educação, d) não, e) Não sei e f) Outras opções.

a) Ser professor

Dentre as respostas 47 participantes disseram que querem ser professores e justificaram suas decisões, pelo fato de haver interesse de atuar na área da educação/ sempre desejaram atuar na docência/ já fizeram outra licenciatura anteriormente, como afirma P-13: *“Preto seguir carreira de professor, mesmo porque é a segunda graduação em licenciatura que finalizo”*.

b) Gostar do ambiente escolar/gostar de dar aula

No questionário, 4 participantes afirmaram seu interesse em seguir a docência, pelo fato de gostarem do ambiente escolar ou por gostarem de dar aula, como afirma P-46: *“Sim, pois gosto do ambiente da escola, acho que nele a muitas possibilidades para eu fazer um bom trabalho”*.

c) Interesse pela área da educação

Sobre esse aspecto encontramos, 4 participantes que afirmaram querer seguir a docência, pelo fato de apresentarem interesse pela área da educação.

No arcabouço de respostas, apenas 2 participantes responderam que não tem interesse pela área e justificaram suas respostas dizendo que depois de formados apresentam o desejo em seguir outra área profissional, como

afirma P- 28: “*Não me vejo exercendo esse papel. Gosto mais da área psicologia*”. E P-37: “*Não. Pretendo seguir outra carreira sem ser na área da educação*”.

Dentre os participantes, 9 disseram não saber se de fato, após terminarem o curso, irão seguir a carreira docente, pois não se sentem seguros para tomar essa decisão no momento, ou por não ter certeza se a docência é realmente a área em que desejam atuar: “*Não tenho certeza, nunca quis seguir essa carreira, pretendo fazer novas licenciaturas, mas se for necessário, serei professora*” (P-51).

Em relação a afirmação feita por P-51, pode-se considerar que apesar dela estar em um curso de licenciatura, a docência nunca foi de fato sua primeira escolha. É possível compreender que ela pretende buscar outras carreiras, conhecer outros cursos, no entanto, caso isto não se concretize ela será professora. Segundo Tartuce, Nunes e Almeida (2010, p.450), muitas pessoas ingressam na docência de forma transitória, ou seja,

(...) a escolha não foi feita para realizar um projeto previamente estabelecido, e sim como uma alternativa profissional provisória, ou a única viável em determinado momento, o que pode redundar em falta de compromisso, contribuindo para que se configure a imagem social de profissão secundária.

Esse tipo de ação conforme as autoras apontam faz com que a profissão se torne desqualificada e ainda contribui para o estereótipo de que qualquer um pode ser professor, visão essa que desvaloriza e muito a docência.

Em estudo realizado por Lapo e Bueno (2003, p.76) apud Tartuce, Nunes e Almeida (2010) onde foi analisado o abandono da carreira docente, os resultados mostraram que nenhum deles queria de fato ser professor, o que foi notado é que a docência se apresentou como uma atividade e não uma profissão. Segundo Tartuce; Nunes; Almeida (2010, p.451):

(...) o que se observa é que a atividade docente apresenta alguma possibilidade de oferta de trabalho a partir de um curso de formação considerado acessível, o que faz com que alguns alunos ingressem em cursos superiores de Pedagogia ou licenciatura sem real interesse em atuar como professor.

As outras opções foram apontadas por 12 participantes, que disseram querer ser professor, mas também desejam atuar em outras áreas como, design e música, como afirma P-59: “*Sim, embora posteriormente pretendo realizar um curso de design para mexer com artes infantis*”.

Alguns apresentaram interesse na docência, mas, em nível universitário “*Pretendo continuar na área de pesquisa e dar aulas em universidades no futuro*” (P-4), e outros almejam atuar em empresas. : “*Inicialmente sim, depois pretendo me atentar a área empresarial, pois esta é financeiramente mais viável*” (P-19).

A partir do exposto, pudemos observar que a maioria dos participantes do questionário desejam ser professores após o término do curso, no entanto, há outras perspectivas que os permitem atuar em outras esferas que não a sala de aula.

5.3.2 Atuação profissional

Os estudantes foram questionados sobre a área profissional que desejam atuar após concluírem o curso, bem como sobre o interesse em seguir a carreira docente e qual a faixa etária que querem trabalhar. No questionário, 23 participantes disseram ter interesse em atuar na área da educação, ou seja, querem seguir a carreira sendo professores assim que concluírem o curso de Pedagogia.

Do total de 12 entrevistados, 11 deles disseram que pretendem ser professores. Apenas E-10 disse ter interesse em atuar na escola, mas não como professor: “*A princípio na Coordenação, gestão eu gostaria de trabalhar na área da escola, na área burocrática da escola, eu acho interessante, eu gosto*”.

Nos questionários somente 3 participantes disseram ter a pretensão de atuar na área de gestão das escolas, assumindo cargos como: coordenação, vice direção e direção de escolas.

Dos 11 participantes que disseram pretender ser professores 3 deles disseram querer atuar na educação infantil, como E-1: “*0 a 3 anos (...) educação infantil é a que eu mais me identifico, (...) mais gosto de cuidar, lidar*”. Assim como E-8 que justifica sua escolha pela educação infantil dizendo:

(...) eu quero ser professora da educação infantil. Eu prefiro de quatro a seis anos (...). Porque eu vejo mais possibilidade de trabalhar as coisas de desenvolvimento de percepção artística, (...) de 4 a 6 anos eu acho que dá pra desenvolver mais essa parte criativa, pra que quando eles ficarem mais velhos se interessarem (...).

Em relação ao ensino fundamental I, 3 dos entrevistados disseram querer atuar nesse nível de ensino, como E-4:

Eu quero ensino fundamental I, de 1° a 4° ano eu gosto bastante dessa fase, eles não são tão pequenos, mas também não são tão grandes, é uma fase bem gostosa, você tem bastante participação e eles são realmente bem empenhados em te ouvir, eu gosto muito dessa idade. (...) os maiores tem um entendimento maior, eu acho que o que eu falar vai ter mais impacto, eles vão conseguir ouvir e compreender melhor.

E-11 também apontou esta opção: *“(...) fundamental I, primeiro a quinto ano, (...). Eu gosto de desenvolver atividades mais artísticas e enfim eu gosto muito de conversar com eles, com criança nessa faixa etária (...)”*. E a entrevistada E-5 justifica em sua fala a escolha pelo ensino fundamental, mas salienta a preferência em trabalhar com alfabetização:

Alfabetização. Os pequenos, 1° série, 2° série. Eu trabalhei um ano com bolsa alfabetização, eu gostei muito, é uma troca muito grande, você vê assim, a felicidade deles estarem aprendendo, é outra coisa, até os olhinhos brilham, quando eles começam a ler, é diferente dos outros anos, que vai se perdendo isso, o interesse, mas na alfabetização é muito raro você ver uma criança que não quer aprender.

Outros 3 entrevistados querem atuar tanto na educação infantil quanto no ensino fundamental 1, como E-7 que explica sua preferência nesse nível de ensino:

Eu adoro, eu tenho mais afinidade com educação infantil vamos dizer, eu sempre quis trabalhar com os pequenos, mas depois de ter feito o estágio eu percebi que também posso lher dar com essa faixa etária, é muito interessante, ver o desenvolvimento.

Um dos participantes deixa claro o desejo de atuar no ensino fundamental II: *“(...) no ensino fundamental, (...) trabalhando com crianças do fundamental II. É uma área que me interessa bastante (...). É uma idade que dá pra você trabalhar melhor. É mais esse ensino focado na lição, (...)”* (E-3).

E-2 ainda se apresenta indeciso em relação ao nível de ensino que pretende atuar, mas ressalta o desejo de ser professor, atuar na sala de aula: *“(...) gostaria de trabalhar com as crianças especiais (...) não pensei nisso ainda é muito cedo, vai que eu mude de ideia (...)”*.

Outros apontamentos encontrados no questionário seguiram para: a) Fazer mestrado/pós-graduação, b) Aprovação em concurso público na área da educação, c) Outras opções d) Não.

Sobre o primeiro aspecto, 16 participantes disseram ter interesse em fazer mestrado ou pós-graduação, assim que terminarem a Pedagogia. Com relação à aprovação em concurso público na área de educação, 11 estudantes disseram ter a pretensão de serem aprovados e efetivados.

Dos questionários recebidos 10 estudantes disseram ter o desejo de dar continuidade aos estudos, fazer outra faculdade. Eles almejam uma vaga de emprego. Alguns pretendem se tornar professores universitários a fim de realizar pesquisas na área da educação. Somente 2 participantes não apresentaram perspectivas após a conclusão do curso.

Assim, mesmo com os impasses apontados em tópicos anteriores de nosso trabalho, há a perspectiva destes estudantes tornarem-se professores. É um fator positivo, visto as pesquisas citadas durante todo o estudo que apontam o pouco interesse pela área.

5.3.3. A Pedagogia como profissão

Durante a análise dos questionários e das entrevistas foi possível observar uma pequena parcela da visão que alunos da Pedagogia apresentam em relação à profissão do professor.

Algumas justificativas oferecidas sobre a escolha pelo curso de Pedagogia surgiram em depoimentos como: *gostar de ajudar as pessoas, gostar de ensinar*, ou até mesmo justificam sua escolha por sentimentos como amor. “(...) gosto de ajudar as pessoas, a ensinar e gosto muito de criança, (...) pensei em fazer Pedagogia pra ver como que é estou gostando” (E-1)

Em relação ao gostar de ajudar as pessoas, E-4 também explicita em sua fala essa característica pessoal que a influenciou escolher essa carreira: “(...) sempre gostei de ajudar, de ensinar e de estudar também (...)”.

No entanto, ressaltamos que não foram todos os estudantes que apresentaram estas justificativas.

Valle (2006) em sua pesquisa realizada com professores, mostra que as motivações para o ingresso no magistério relacionaram-se a valores altruístas e de realização pessoal: “o dom e a vocação, o amor pelas crianças, o amor pelo outro, o amor pela profissão, o amor pelo saber e a necessidade de conquistar logo certa autonomia financeira”.

Tais motivações também apareceram na fala de alguns estudantes, como de P-27: *“Gosto de crianças e eu amo ensinar... nada como unir os dois”*. E ainda de P-38: *“Por gostar muito de ficar com crianças, brincar, desenhar, (...)”*.

Segundo Facci (2004) “o professor faz parte de uma classe profissional, com direitos trabalhistas conquistados, com especificidade no desempenho de seu trabalho e com características pessoais”.

O aluno formado no curso de Pedagogia estará habilitado para atuar no magistério desde a educação infantil até o ensino fundamental I. Com isso a autora assinala que ao longo do tempo a imagem do profissional da educação infantil foi associado com a maternidade, relação com o ambiente doméstico. Ela aponta que muitas vezes, em se tratando das séries iniciais, circula entre os professores a ideia de ser amoroso, passivo, e em alguns casos esses valores são considerados mais relevantes do que a formação profissional.

Essa visão traz más consequências ao trabalho do professor e o desqualifica, pois é uma visão romântica e não deixa de ser idealista. Para que o professor seja considerado um profissional, como de fato é, alguém que se habilita e possui formação e conhecimentos específicos para por em prática no exercício da profissão é necessário romper com essas ideias, como por exemplo, de que a professora é a “segunda mãe”.

Esta questão tem maior visibilidade, pois a profissão docente tem se apresentado predominantemente feminina. Este fato contribui para a desprofissionalização da profissão, pois ainda hoje os aspectos afetivos são colocados em primazia.

Assim é de grande importância os professores reconhecerem o exercício da docência como uma profissão e não uma atividade de auxílio à sociedade, uma ação de caridade. É necessário mudar a ideia de dom e vocação que ainda perpassa nos discursos de alguns profissionais. Essas e outras são ações necessárias para que o magistério seja considerado profissão.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os objetivos desse trabalho foram investigar as razões dos alunos escolherem o curso de Pedagogia e identificar os dilemas apresentados pelos discentes no âmbito da formação e da atuação no campo profissional, bem como conhecer as perspectivas profissionais desses estudantes.

Notamos a forte influência que a família e a escolha desempenham no jovem que está em processo de decisão profissional. Vimos que os professores de escola que passaram pela vida desses estudantes deixaram marcas, algumas boas e outras ruins, mas destacamos o quanto os professores são lembrados e desempenham um papel fundamental na vida das pessoas.

Em relação a escolha do curso de Pedagogia, vimos que a motivação principal apontada pelos estudantes ficou no campo da satisfação pessoal, o gostar da profissão/área da educação e de se identificar com a profissão/ área da educação foram recorrentes. Apesar de alguns autores da literatura apontarem a docência como sendo pouco atrativa para jovens por diversos fatores, vimos durante a pesquisa que a maioria dos participantes apresenta o desejo de ser professor.

Encontramos a partir das entrevistas e dos questionários a visão que os alunos apresentam acerca da docência, onde a grande maioria dos participantes vê a docência como tendo um mercado de trabalho amplo. Porém desvalorizado por diversas razões como a baixa remuneração oferecida aos profissionais da área e condições de trabalho que se apresentam precárias. A visão do magistério como oportunidade de emprego também apareceu durante a fala dos participantes.

No entanto em relação aos problemas apresentados diversas ações e iniciativas foram sugeridas pelos estudantes para que de fato a valorização da carreira dos professores seja algo concreto. Dentre as melhorias sugeridas pelos estudantes está a questão salarial, a melhora das condições de trabalho dos professores, há necessidade de investimento na formação inicial e continuada dos professores, além da importância de haver um reconhecimento, uma valorização por parte dos próprios professores sobre o magistério.

Em relação às perspectivas profissionais os alunos pesquisados apontaram o desejo de continuar a estudar depois de formados e apresentaram o desejo de atuar em grande maioria na sala de aula, atendendo diferentes faixas etárias, uma pequena parcela de participantes apresentou desejo de seguir outros caminhos não relacionados a escola; como a inserção em empresas.

Os aspectos da atual desvalorização e da real necessidade de haver uma valorização do trabalho do professor foram recorrentes durante o trabalho, Neste sentido, concluímos que há necessidade de ações governamentais que valorizem o trabalho do professor, desde a formação inicial na graduação como na formação continuada quando os professores estão na salas de aula, tornar a remuneração mais adequada as reais necessidades que a atualidade exige.

Há necessidade de melhorar as condições de trabalho do professor, reduzindo a quantidade de alunos por sala de aula, haver materiais diversos disponíveis para que os professores aprimorem seu trabalho, além da existência de ações que trabalhem a auto estima dos professores. É de grande importância que se trabalhe esse aspecto para que ele se reconheça como alguém importante na sociedade em geral, tendo uma profissão essencial para a formação dos futuros cidadãos e mediadores das várias descobertas que os alunos fazem durante a vida.

Enfim valorizando o professor e seu trabalho, a carreira se tornará mais atrativa aos jovens, bons profissionais terão o desejo de fazer parte dessa classe profissional e com certeza a qualidade na educação só terá a melhorar.

7. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, M. E. G. G; PINHO, L, V, P. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psic. Clin**, Rio de Janeiro, v.20, n2, p.173-184, 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652008000200013> Acesso em: 13 mar. 2012.

ALVES-MAZZOTTI, A. J; GEWANDSZNADJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais**: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneiras, 2002.

BENITES, L. C. **Identidade do Professor de Educação Física. Um estudo sobre os saberes docentes e a prática pedagógica**. Dissertação de Mestrado. Ciências da Motricidade Humana. Rio Claro, SP: Unesp, 2007.

CAMARGO, D. A. F. A pesquisa pedagógica e seus pressupostos epistemológicos. In: MICOTTI, M. C. O (Org.). **Alfabetização**: intenções/ações. Rio Claro: Costa, 1997: p. 153-182.

CANDAU, V, M. Magistério. **Construção Cotidiana**. Petrópolis, editora Vozes, 1999.

CASTRO, M. R. O. A valorização docente na perspectiva histórica e atual. **Revista Virtual de Iniciação Acadêmica da UFPA** . Pará. Vol 1, No 1, 1-13, mar. 2001. Disponível em: <http://www2.ufpa.br/rcientifica/ed_anteriores/pdf/ed_01_mroc.pdf>. Acesso em: 10/09/12.

FACCI, M. G. D. **Valorização ou esvaziamento do trabalho do professor?** Um estudo crítico-comparativo da teoria do professor reflexivo, do construtivismo e da psicologia vigotskiana. Campinas. Autores Associados, 2004. (Coleção Formação de professores).

FOLLE, A; N, J. V. Aderência à profissão educação física: estudo de casos no magistério público estadual de Santa Catarina. **R. da Educação Física/UEM** Maringá, v. 20, n. 3, p. 353-367, 2009. Disponível em: <<http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/RevEducFis/article/viewFile/6791/4872>>. Acesso em: 26 Set. 2012.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996. (Coleção Leitura).

GATTI, B. A. Atratividade da Carreira Docente no Brasil, **Fundação Carlos Chagas**. São Paulo, SP, outubro de 2009. Disponível em: <<http://revistaescola.abril.com.br/pdf/relatorio-final-atratividade-carreira-docente.pdf>>. Acesso em: 15/03/2012.

GATTI, B. A; BARRETO, E. S. **Professores do Brasil**: impasses e desafios. Brasília. Representação no Brasil. 2009. 7-279. (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0018/001846/184682por.pdf>>. Acesso em: 27 Set. 2012.

GATTI, B. A; BARRETO, E. S, ANDRÉ, M. E. D. A. **Políticas Docentes no Brasil: um estado de arte.** Brasília. Representação no Brasil. 2011. 11-269. (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0021/002121/212183por.pdf>>. Acesso em: 16 Abr. 2011.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar.** Como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro, São Paulo: Editora Record, 2004.

HAGUETTE, T. M. F. **Metodologias qualitativas na sociologia.** 2ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1990.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa.** Rio de Janeiro: Objetiva, 2009, p.411.

LASSANGE, M. C. P. Orientação Profissional e a Globalização da Economia. **Revista ABOP**, Porto Alegre, 1997.

SCHEIBI, L. Valorização e formação dos professores para a educação básica: questões desafiadoras para um novo plano nacional de educação. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 31, n. 112, p. 981-1000, jul.-set. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v31n112/17.pdf>>. Acesso em: 25 Set.2012.

LISBOA, M. D et al. Orientação vocacional ocupacional: à luz da psicanálise. In: LEVENFUS, R. S. **Psicodinâmica da escolha profissional.** Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

LEVENFUS, R, S et al. **Psicodinâmica da escolha profissional.** 2. ed. Porto Alegre. Artmed, 2004. 293 p.

LUDKE, M; ANDRÉ, M. E. D. A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo: EPU, 1986.

LÜDKE, M; BOING, L, A. **Caminhos da profissão e da profissionalidade docente.** *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1159-1180, Set./Dez. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22616.pdf>>. Acesso em: 17 Abr. 2012.

NÓVOA, A. O passado e o presente dos professores. IN: NÓVOA, A. (Org). **Profissão Professor.** Porto: Porto Editora,1995.

OLIVEIRA, M, D, A; SILVA, M, L, L. Estudantes universitários: a influência das variáveis socioeconômicas e culturais na carreira. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional.** São Paulo, n.1, p.23-34, 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/pee/v14n1/v14n1a03.pdf>>. Acesso em: 25 jan. 2012.

PAPI, S. O. G. **Professores: formação e profissionalização.** Araraquara: Junqueira e Marin, 2005.

PATTON, M. Q. **Qualitative evolution.** Beverly Hills: Sague, 1986.

PHILLIPS, B. S. **Pesquisa social: estratégias e táticas.** Editora Agir: 1974.

RIBEIRO, M. L. S. **História da Educação Brasileira**: a organização escolar. 20. ed. Campinas: AUTORES ASSOCIADOS. 2007. (Coleção Memória da Educação).

SAMPAIO, M. M. F; MARIN, A. J. Precarização do Trabalho Docente e seus Efeitos sobre as Práticas Curriculares. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n. 89, p. 1203-1225, Set./Dez. 2004. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n89/22618.pdf>>. Acesso em: 22 Set.2012.

SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional, **Psicol. estud.** v. 10 n. Maringá jan./abr. 2005 (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000100008&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 14/07/2011.

SAVIANI, D. **A pedagogia no Brasil**: história e teoria. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

SILVA, V. L. G. da. Profissão: professora. In: CAMPOS, M. C. S. de S., SILVA, V. L. G. da (orgs.). **Feminização do magistério**: vestígios do passado que marcam o presente. Bragança Paulista: Edusf, 2002. p. 95-122.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis, RJ: Vozes, p.31 – 35, 2002.

TARTUCE, G. L. B. P; NUNES, M. M.R; ALMEIDA, P. C. A. Alunos do Ensino Médio e Atratividade da Carreira Docente no Brasil. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.140, p. 445-477, maio/ago. 2010. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/v40n140/a0840140.pdf>>. Acesso em: 10 Mar. 2012.

TANURI, L, M. História da formação de professores. **Revista Brasileira de Educação. Anped**, n.14 (maio/jun/ago.2000). Artigo trata de forma geral da história das escolas normais no Brasil.

VALLE, I. R. Carreira do magistério: uma escolha profissional deliberada? **R. Bras. Est. Pedag, Brasília**, v. 87, n. 216, p. 178-187, maio/ago. 2006. Disponível em:< <http://rbep.inep.gov.br/index.php/RBEP/article/viewFile/32/34>>. Acesso em: 23. Set. 2012.

VEIGA, C. **História da Educação**. 1. ed. São Paulo. Àtica, 2007. 328p. (Àtica Universidade).

WERLE, F, O, C. Prática de gestão e feminização do magistério. **Cadernos de Pesquisa**, v.35, n.126, p.609-634, 2005. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/cp/v35n126/a05n126.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2012.

ZAVAREZE, T. E. O Papel da Orientação Profissional na Escolha Profissional do Adolescente. **Psicologia.com.pt**. Santa Catarina. 2008. Disponível em: < <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0446.pdf>>. Acesso em: 17 Fev.2012.

8. APÊNDICES

Apêndice 1

Questionário

Escolha Profissional

Prezados alunos,

Estou desenvolvendo uma pesquisa de iniciação científica que tem como tema principal a escolha profissional no curso de Pedagogia. Gostaria de saber sua opinião sobre as questões abaixo. Sua participação é muito importante! Muito obrigada.

IDADE: _____

SEXO: M() F()

CURSA: 1ºANO() 2ºANO() 3ºANO() 4ºANO() OUTRO: _____

- 1) No vestibular, o curso de Pedagogia era sua 1º opção?
Sim ()
Não ()
- 2) Por qual (is) motivo(s) você optou pelo curso de Pedagogia?
 - a) () Influência familiar
 - b) () Influência escolar.
 - c) () Já atua na área
 - d) () Por hobby.
 - e) Influência da mídia.
Televisão () Revistas () Outras ()
 - f) () Deseja ser professor universitário.
 - g) () Outros – o que? _____
- 3) Hoje se estivesse na condição de vestibulando, faria a mesma opção?
Justifique

- 4) Gostaria de ter ingressado em outro curso?
Sim () Qual curso? _____
Não ()
- 5) Por que você optou por um curso de Licenciatura?

- 6) Qual sua opinião sobre o mercado de trabalho em Pedagogia? Justifique.

- 7) Você já sabe em que área profissional pretende atuar?

- 8) Qual o principal aspecto que a(o) atraiu para cursar a Pedagogia?

- status da profissão
 salário
 amplo mercado de trabalho
 satisfação pessoal
 status social
 outros:

- 9) Após terminar o curso, quais suas perspectivas? Justifique

- 10) Você vai seguir a carreira de professor? Justifique

Apêndice 2

Roteiro para Entrevista

A. Identificação

1. Por favor você poderia falar sobre sua cidade de origem, família e escola que estudou?
2. Qual a profissão de seus pais? Na sua família tem alguém ligado ao magistério?
3. A sua escola era pública ou privada? Quais foram os professores que marcaram sua vida?

B. Escolha profissional

4. Na sua opinião, por que escolher a Pedagogia/magistério como profissão?
5. Na época você pensou em fazer outra coisa?
6. E você pretende continuar nesse caminho de ser professor (ou outra área que for citado)?
7. Se a sua opção é o magistério qual a faixa etária ou área que pretende atuar? Por que?

C. Atratividade da carreira docente

8. Com base na sua experiência de estudante quais seriam as inovações que você proporia para a formação de professor e a carreira docente?
9. O que você proporia para a valorização da carreira docente e o desenvolvimento profissional?

Apêndice 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

(Conselho Nacional de Saúde, Resolução 196/96)

Venho convidá-lo(a) a participar do projeto de pesquisa “**ATRATIVIDADE DA CARREIRA DOCENTE NO CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA: DILEMAS, ESCOLHAS E INSERÇÃO PROFISSIONAL**”, e pedir o seu consentimento na utilização dos dados coletados para eventuais publicações. A temática de investigação proposta apresenta como perspectiva obter informações sobre a escolha da carreira docente, além de procurar conhecer de que maneira os estudantes se apropriam ou não do processo de entrada no magistério – escolha da profissão. Esta proposta tem como objetivos (1) Investigar junto aos alunos de um curso de Pedagogia de IES pública as razões para a escolha da docência como profissão e (2) Identificar no âmbito desse curso de Pedagogia de IES pública, os dilemas e as perspectivas que são apontadas por esses estudantes no universo de sua formação e futura profissão.

Entendemos que os riscos ou prejuízos para os participantes são mínimos. Havendo qualquer sensação de desconforto ou constrangimento; riscos possíveis em relação às questões que estará respondendo na forma de um questionário e entrevista; você poderá se recusar a responder qualquer pergunta e/ou retirar o seu consentimento em qualquer fase da pesquisa, sem penalização alguma. Além disso, não receberá qualquer forma de pagamento por sua participação nessa pesquisa.

Se você estiver plenamente esclarecido sobre sua participação nessa pesquisa convidamo-lo (a) a assinar este Termo elaborado em duas vias, sendo que uma ficará com você e a outra com o pesquisador (a).

Rio Claro, de de 2012 .

Camila Valério

Participante da Pesquisa Aluna-Pesquisadora

Samuel de Souza Neto

Pesquisador Responsável

Dados da Pesquisa:

Título: “Atratividade da Carreira Docente no Curso de Licenciatura em Pedagogia 54321: Dilemas, Escolhas e Inserção Profissional”, de Camila Valério.

Pesquisador Responsável: Samuel de Souza Neto
Cargo/função: Professor do Departamento de Educação
Instituição: Universidade Estadual Paulista- IB- Rio Claro
Endereço: Avenida 24A, n. 1515, CEP: 13500-900.
Dados para Contato: fone- 19-3526-4276
e-mail: samuelsn@rc.unesp.br

Aluno/Pesquisador: Camila Valério
Instituição: Universidade Estadual Paulista- IB- Rio Claro
Endereço: Avenida 24-A, n. 1515, CEP: 13500-900.
Dados para Contato: fone- 19-3526-4276
e-mail: mylla_mix@yahoo.com.br

Dados do Participante da Pesquisa:

Nome:..... RG:.....

Data de Nascimento:___/___/___ SEXO: M () F () Tel:

Endereço: